



Capa e Batina

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



Editorial

A DIMENSÃO SOCIAL DO JUBILEU

1. **Celebrou-se, no Ano 2000, a nível do mundo inteiro,** o Jubileu do Nascimento de Jesus Cristo. Sendo protagonizado por actividades da Igreja Católica, muitos pensaram que esta efeméride tinha um carácter eminentemente religioso. Não foi, porém, assim. O Jubileu, para além da dimensão histórica e da preocupação espiritual que indiscutivelmente conteve, foi vivido com uma grande projecção social.

2. **Os Sinais Jubilares são sinais sociais.** Num diálogo aberto com a comunidade humana, eles revelam a inquietação do homem contemporâneo que procura caminhos novos, caminhos de esperança. Senão vejamos:

- **A peregrinação** pede a desinstalação, a saída dos nossos confortos para ir ao encontro da vida desconfortável dos mais pobres.
- **A porta santa**, expressão simbólica de Cristo, revela a urgência de valores para a sociedade actual que deles se esvaziou. Valores essenciais são a verdade, a justiça, a liberdade e a paz, reclamados pelos Direitos Humanos.
- **A indulgência** convida à compreensão, à aceitação do outro como ele é, à capacidade de escutar e de servir.
- **A purificação da memória** constitui uma exigência de perdão. Perdão que se pede, sem medo de ser julgado menos bom, perdão que se dá, sem medo de perder prestígio.
- **O testemunho dos que nos precederam** na mesma fé em Deus e na humanidade é um indicativo da atenção a homens e mulheres que viveram, a partir de Cristo, a grande aventura humana. É o caso de Luther King, de Teresa de Calcutá ou de Mahatma Gandhi.
- **As obras de misericórdia e caridade** são desafio à partilha de bens, para que os homens e mulheres estejam mais próximos e celebrem com alegria o desenvolvimento de que são capazes.

Estes sinais jubilares convidam cada homem e mulher a esquecer-se de si, porque há outros a quem amar e a quem servir. São sinais eminentemente sociais a exigir gestos concretos que os signifiquem.

3. **Neste contexto apareceram alguns gestos sociais como expressão da alegria jubilar.** Pode falar-se de alguns:

- **A nível da Igreja Universal**, o pedido do perdão das dívidas dos países do 3º mundo, a fim de superar o subdesenvolvimento em que mergulharam.
 - **A nível de Portugal**, a construção de uma unidade de acolhimento, acompanhamento e tratamento de doentes de SIDA, em Montariol, Braga.
 - **A nível do Patriarcado de Lisboa**, a criação de uma maternidade Escola em Timor Lorosae, para contribuir, com o apoio à vida, para a luta contra a morte que martirizou o povo simples de Timor Leste.
 - **A nível de uma pequena comunidade cristã**, a construção de sete blocos de apartamentos para substituir as barracas do Bairro das Murtas e assim acolher 122 famílias que não tinham casa.
- São gestos sociais que tornam perene o jubileu 2000 que agora terminou.

4. Só com a generosidade solidária de todos se consegue fazer de cada dia uma festa de jubileu. Está nas nossas mãos. Não depende dos outros. Assim cada um saiba inventar o amor.

Padre Vítor Feytor Pinto

A Tomada da Bastilha - 2000

Tudo se conjugou para tornar esta comemoração numa das melhores de todos os tempos, no dizer de muitos:

A começar, recaiu no próprio dia 25 de Novembro e o Casino recebeu-nos num ambiente novo e esplendoroso, apresentando um Show “Tempo” que mereceu os encómios da generalidade dos 635 presentes.

Seguiu-se o encontro, cada vez mais animoso, dos que se vêem só de ano a ano (facto que lhes é inteira e inexplicavelmente imputável, dadas as variadas oportunidades académicas de que disfrutam...); a presença dos Presidentes e numerosos Sócios das outras A.A.E. de Coimbra; as exposições sobre **Paulo Quintela** (o homenageado) e o pintor (coimbrão) **Rui Gouveia**; a apresentação jovial, com os necessários toques de irreverência, do Show Nosso pelo Luís Nascimento Ferreira; o virtuosismo da magistral **Orquestra dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra** e a garra da sua “**Orquestra de Tangos**”, que pôs todos no pé de uma dança imbatível, vencendo os tempos e as vontades...

Dando o toque de abertura para o momento mais proeminente, a Presidente da Direcção, Fátima Lencastre, saúdou todos e rendeu os merecidos preitos por estas palavras:

“Magnífico Reitor; Dig.mo Administrador do Casino Estoril; Presidente e Vice-Presidente da Assembleia-Geral da Nossa Associação, Presidente do Conselho Fiscal; queridos Presidentes das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra, no Porto, em Braga, em Vale do Sousa e no Alto Mondego; jovens Embaixadores da Associação Académica de Coimbra, Presidentes da Assembleia Magna, da Direcção-Geral e da Secção de Fados; Dig.mos Presidentes da Casa da Académica em Lisboa, da Academia da Guitarra Portuguesa e do Fado e representante do Banco Português de Investimento!

Ilustres convidados e familiares do inolvidável e imorredouro Paulo Quintela e dos queridos e lendários irmãos António Cunha e José Cunha! Queridos Colegas e Amigos!

Bemvidos a este octogésimo aniversário da “Tomada da Bastilha”, em nome da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, a quem só empresto a voz, porque os rostos estão bem visíveis e radiosos. Mas, antes de mais, concedam-me uma breve suspensão para absorver a magnificência deste esplendoroso salão “Preto e Prata”. Dirão os vossos olhos: é beleza, é distinção, é modernidade do maior Casino da Europa e têm razão. Nunca a prata foi tão preciosa e nunca o preto foi tão fulgurante. Quase tanto como o das nossas capas - temos de conceder, Colegas, com aquele sentido de justiça que nos é característico. Mesmo os ecologistas não teriam nada a reclamar da perfeição desta natureza em noite estrelada.

Mas nós, Órgãos Sociais da Associação, falamos mais com os olhos da alma e de uma alma muito rejubilada pelo calor humano e pela solidariedade de que nos deu testemunho ineludível a Administração do Casino, reservando-nos o nosso dia 25 de Novembro - é este, é hoje - em desfavor; eventualmente, de outro evento que se perfilaria mais rendível. E quem foi o Santo protector deste milagre? Adivinhem - tem “Spot”! Quem ganharia os “Spots” todos?: o nosso imorredouro Joaquim Couto, que sabiamente conciliou o seu “munus” de Director Comercial do Casino com o grito coimbrão que brota de todo o seu ser e de tal forma que já o transmitiu não só à sua gentil assistente, Susaninha Roxo, como até à própria equipa técnica que nos serviu de retaguarda. Por tudo isto, Colegas, quem hesita em se levantar numa estrondosa ovação à Administração do Casino, na pessoa do Presidente do Conselho de Administração, Dr. Mário Assis Ferreira?!

E, já agora, porque não nos atrevemos a pedir

aos restantes Administradores do Casino que por uns segundos deixem rivalizar o colorido das nossas fitas com o esplendor deste preto e prata? FRA!

Ora, e como todos sabem, o champanhe ajuda todos estes "Fra's"; e toda a ilusão e toda a beleza são suportadas por outro metal mais prosaico, mas que faz girar o mundo. Por tal, dois pensamentos de gratidão para com a Real Vinícola e para com o Banco Português de Investimento - BPI - na pessoa do nosso já amigo Sr. Constantino Pereira, que está aqui em representação do benfazejo Colega Artur Santos Silva.

E agora, reconfortada a alma e satisfeitos os olhos, vamos dar um segundo aperto de mão à jovem Academia de Coimbra, que celebra hoje também a sua "Tomada da Bastilha" - daí este silêncio, porque todos nós estamos habituados à sua ruidosa, mas sempre querida irreverência. No entanto, temos entre nós, como já disse, os representantes da Assembleia Magna, da Direcção-Geral e da Secção de Fado, que além da adesão incondicional que nos manifestam e de um lindo "bouquet" de rosas que nos trouxeram, ainda nos transportam ao Santuário do Amor - o Penedo da Saudade - sabem como?, fazendo-se acompanhar das suas namoradas..

Também temos no palco um jovem estudante de Coimbra, o Miguel Campos, um profissio-

nal de ilusionismo; e, se todos abrirem bem os olhos, verão que julgam estar a assistir à representação de um segundo Luís de Matos!

E, sorte das sortes, até a nossa Briosa está em plena glória, figurada no Presidente da Associação Académica de Coimbra, OAF - José Emílio Campos Coroa, nesta qualidade bem visível (que uma outra referirei adiante). E com toda esta visibilidade e com toda esta pujança pela Academia de Coimbra, pela nossa gloriosa Briosa! FRA...

Quaisquer palavras de agradecimento à "Associação dos Antigos Tunos da U. C." entoariam em falsete após os magistrados acordes com que nos brindaram e, acima de tudo, com a vibração que transmitiu a sua "Orquestra de Tangos", a todos nós jovens e menos jovens; desejamos que eles tenham o êxito que merecem e que continuem a brindar-nos com toda a sua arte. Também quanto à homenagem ao imorredouro Paulo Quintela e à evocação dos célebres irmãos Cunha, estão nas melhores mãos - nas mãos do Dr. João Araújo Correia para o Paulo Quintela e do Dr. Almeida Santos para os irmãos Cunha. Eles, melhor do que ninguém, saberão prestigiar aquelas figuras que só enaltecem a nossa querida Universidade, cujo guardião nos dá aquela exemplar postura interior de quem não se limita a estar em presença entre nós, mas está no meio de

nós de corpo e alma - o nosso Magnífico Reitor.

Dessa homenagem a Paulo Quintela apenas me permito chamar a atenção para um espólio que está exposto ali à entrada do Restaurante e que nos foi cedido pela sua filha, Dr.^a Abília Quintela, e seu genro, Professor Dr. Ludwig Scheidl, e também para uma exposição de pintura do pintor Rui Gouveia, cuja organização agradecemos ao seu neto e à sua nora. Uma exposição que vale a admiração e aquisição por quem o possa fazer.

Agora, à sempre jovial e talentosa Amélia Vieira Campos Coroa, a "Cananeia em súplica" a um Cristo que é nem mais nem menos que o seu próprio filho, Campos Coroa, mas só em voz (até porque ele vai para os bastidores). Desta vez não há visibilidade para o Campos Coroa - há uma voz!

Ao nosso apresentador com garra e com graça, Luís Nascimento Ferreira, e ao nosso ilusionista que é um promissor profissional, ao Grupo "Porta Férrea" que vai transportar-nos ao topo da cultura e da canção de Coimbra, à nossa saudosa Coimbra - Sé Velha, Penedo da Saudade, Lapa dos Esteios, a todos quantos contribuíram para esta confraternização à sua maneira e com a melhor das boas-vontades, a todos um grande Bem-Hajam e que se eternizem pelo 3º milénio com a mesma força, com a mesma

fraternidade e, se possível, ainda com maior solidariedade académica.

Muito obrigada!"

O Presidente da Assembleia Geral, António de Almeida Santos, evocou os célebres Irmãos Cunha como só ele poderia e saberia fazer. Assim:

"A nossa querida amiga Fátima Lencastre é ainda mais restritiva na concessão dos tempos do que o Presidente da Assembleia da República. E disse-me para falar em homenagem dos nossos queridos Colegas e Amigos José e António Cunha durante o máximo de 5 minutos, (Dez, diz ela agora!). Eles não cabem nem em 5, nem em 10, nem caberiam numa sessão nocturna que lhes fosse exclusivamente dedicada! Foram, de facto, dois cidadãos exemplares, dois profissionais distintíssimos. E, sobretudo - o que é talvez o mais significativo para este nosso encontro - dois típicos e exemplares estudantes e Antigos Estudantes de Coimbra.

José Cunha e António Cunha são daqueles estudantes de Coimbra que ficam estudantes para sempre. Que foram e continuam a ser estudantes de Coimbra até que a morte os leve. E bem cedo, infelizmente, ela os levou!

Eles viveram em Coimbra em plenitude a sua vida de estudantes. Mas prolongaram essa qualidade pela vida fora.

Eu fui seu grande amigo. Colega do Liceu do António Cunha, já pouco conheci em Coimbra o José Cunha. Mas ainda fiz algumas funçanatas à guitarra e à viola com o Joaquim Albino, que era primo do José Cunha, e que está aqui com os seus cabelos onde já caíu muita neve. Vim depois a saber que os Cunha tinham povoado o mundo. Eram muitos! E ainda são, felizmente, apesar de a morte já ter levado alguns.

Mas o Toninbo Cunha foi, em Coimbra, meu irmão de todas as horas da alma. Ele continuou em Coimbra depois de eu sair. Achou Coimbra tão deliciosa, que não resistiu a chumbar. E como vivia em casa da sua própria mãe, a mesa estava sempre posta e as propinas eram baratas. Porque é que ele havia de ter pressa para se formar? Não teve e ficou ainda, não vou dizer por quanto tempo, mas creiam que esse tempo significa um imenso amor a Coimbra, a quase incapacidade de se separar dela. Mas eu vinha, muitas vezes, com o Toninbo Cunha a Lisboa tocar guitarra ou ver jogar a Académica. E muitas vezes nos vimos em palpos de aranha para aguentar, financeiramente, a estadia na capital. O uso era este: ou vínhamos no carro de um amigo e não tínhamos, portanto, problema de transporte; ou trazíamos já o bilhete de ida e volta do comboio para não termos a tentação de gastar o di-

nheiro do regresso.

Mas a comida? A comida era um problema! Dramático muitas vezes! Despachávamos então o Toninbo Cunha ao encontro do José, alguns anos mais velho e já cirurgião famoso no Instituto do Cancro, o qual dispunha sempre do "quantum satis" de morabitos para nos socorrer nas nossas aflições. Lá nos dava o necessário para ficarmos 2/3 dias, amesendados no "João do Grão".

Foi assim que eu conheci o Zé, pela via do seu coração generoso, sempre disposto a deitar-nos a mão. Sem termos, assim, de recorrer àquele expediente célebre do Serrano das ditas (os mais velhos sabem quais eram as ditas) que um dia, sentindo-se com fome na baixa, e sem saber como resolver o problema dos ataques do suco gástrico, começou a passear de capa e batina em frente do Chave d'Ouro com um leteiro às costas que dizia: "Aceita-se um almoço".

Logo um antigo estudante foi ter com ele e lhe disse: "Ora essa! Pois então!... O meu amigo vem para minha casa almoçar comigo!"

Resposta do Serrano matreiro: "Bem, já agora, se não se importasse, virava o leteiro". Virado, dizia: "e também se aceita o jantar".

É claro que o Serrano das ditas ficou aboletado vários dias em casa do antigo estudante.

Nós não tivemos que recorrer

a esse expediente extremo. O Zé Cunha, com a sua generosidade, disse nos salvou muitas vezes.

Este foi o meu primeiro contacto com o Zé Cunha. Depois, o Toninho Cunha fazia a ligação quando eu vinha de África. Encontrávamo-nos muitas vezes para tocar guitarra e viola, ou encontrávamo-nos em Monte Gordo, que foi a praia que elegemos para os nossos meses de Agosto. Todos os anos nos encontrávamos lá. Acabámos por construir um prédio de amigos, onde todos temos ainda um apartamento. E acreditem que o Hotel Vasco da Gama, que na altura estava longe do "over booking", não tinha nada à volta. Tinha apenas o mar à frente a inspirar-nos. E serviu de cenário para as nossas funçanatas académicas, que não eram só música (acreditem nisso). Eram também algumas libações. E, sobretudo, umas comezainas muito saborosas e uma camaradagem inultrapassável. Subimos muitas vezes, de barco, o Guadiana. E quer à ida quer à volta, porque almoçávamos em Alcoutim, resistíamos mal à conjugação maléfica da música e dos álcoois, que tomavam conta de nós. E nem queiram saber em que condições lamentáveis regressávamos dessas viagens!

Tenho muita saudade desse tempo! Em Coimbra, do José Cunha ficara-me uma vaga imagem. Ele em Coimbra, com

o Joaquim Albino e outros mais, fundaram o 1º grupo de guitarras havaianas da Coimbra do tempo deles, que era o meu tempo do liceu: O Joaquim Albino, esse, bem o conheci acompanhando o Orfeão ou acompanhando a Tuna, a que também pertenci. Ele tocava guitarra havaiana, eu tocava a guitarra portuguesa ou cantava, ou fazia já os discursos, quando calhava. Depois vim a fazê-los com regularidade. Fizemos assim uma amizade fraterna.

Volto aos irmãos Cunhas: foram dois brilhantes profissionais. O José Cunha um cirurgião distintíssimo que dedicou toda a sua vida ao combate contra o cancro, especialmente o da mama. Chegou mesmo a ser considerado uma das grandes autoridades do nosso país nessa matéria. O Toninho Cunha, que não tinha sido um aluno tão brilhante, escolheu ser anestesista. Passou a vida a tirar a dor às pessoas. E tirava-a com tanta mestria, que era muitas vezes preferido, não apenas por amigos, mas por muitos outros que precisavam dos seus serviços. Eram duas almas generosas. Mas o que eu queria salientar é que dificilmente se encontra alguém que tenha interiorizado de tal maneira o espírito de Coimbra como o José Cunha e o Toninho Cunha. Eles foram dois sacerdotes, digamos assim, da religião Coimbrã. Nós chamávamos àqueles cujo amor a

Coimbra ia além de um certo ponto os "Coimbrinhas". Foram coimbrinhas. Eu também sou "Coimbrinha" e tenho muito gosto nisso.

Vivemos intensamente a vida de Coimbra, depois de termos deixado Coimbra. Esse foi o seu segredo - terem permanecido estudantes durante toda a sua vida e dulcificou o seu carácter. Como bons profissionais, trabalhavam muito! Mas preservavam sempre horas vagas para os encontros de amigos, em que entrava sempre uma guitarra ou uma viola e um ou mais cantores. Tenho muita saudade do Zé Cunha e do Toninho Cunha, duas almas maravilhosas, dois cidadãos exemplares, dois profissionais distintos. Mas sobretudo, como vos digo, dois exemplares estudantes e antigos estudantes de Coimbra. Nós somos apenas crentes. Eles eram fanáticos da religião de Coimbra. Viveram a sua vida de acordo com o evangelho Coimbrão.

Os seus tiques, os seus valores, os seus sentimentos, a sua graça, a sua música, o seu folclore, a sua camaradagem, tudo que significa Coimbra, eles personalizaram como ninguém.

Por isso, eu, cumprindo as determinações da Fátima Lencastre, antes que ela me corte a palavra, queria dizer-vos o seguinte: tenho muita honra em estar aqui a evocar a sua memória e tenho uma ter-

rível saudade deles.

Fizeram-me muita falta, quer ao meu convívio, a mim e à minha mulher, de quem também eram muito amigos.

Temos boje aqui, felizmente, a companhia das suas companheiras, que adoçaram as suas vidas com o muito amor que lhes deram. E eu beijo-lhes as mãos, tal como às filhas, que aqui também se encontram.

Queridos amigos, foi bom ter tido a possibilidade desta evocação da memória do Zé Cunha e do Toninho Cunha. Foi muito bom para mim, podem crer. Quando aqueles que evocamos foram bons, a própria saudade pode ser boa. Muito obrigado."

Após a entrega do já habitual **Prémio** à aluna licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães), **Dr.ª Sara Micaela Carvalho**, devidamente acolitada pelos representantes dos corpos gerentes da **Associação Académica de Coimbra**, o eterno jovem **João Araújo Correia** (da AAEC no Porto) prestou, em nome de todos, **Homenagem a Paulo Quintela** e à sua multifacetada personalidade, nos seguintes termos:

"Meus Bons e Queridos Amigos daquela Coimbra fixados nesta Lisboa e em outras paragens:

Saúdo em ti, Minha Querida Abília, todos os Quintelas presentes e ausentes:

Como todos certamente

sabeis, um dos mais célebres autos que Mestre Gil nos deixou foi o do "Breve Sumário da História de Deus", "Representado ao mui alto e mui poderoso Rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal e à Sereníssima e muito esclarecida Rainha D. Catarina, em Almeirim, na era do Senhor de 1527", e o qual começa assim:

"Entra um anjo, e a modo de argumento diz o seguinte intróito:

Ainda que todalas cousas passadas

Sejam notórias a Vossas Altezas,

A história de Deus tem tais profundezas,

Que nunca se perdem serem recontadas."

É o que vou procurar fazer nos escassos minutos que me sobram nesta lindíssima festa dos 80 anos da nossa "Tomada da Bastilha" para o efeito do recado que me foi pedido. Ou seja, vou contar para quem não saiba e recontar para quem já as conhece, algumas, não direi das "profundezas", mas sim das "grandezas" que fizeram de Paulo Quintela - Um Homem de Corpo Inteiro", no inesquecível dizer, aqui há anos, do nosso e seu ilustre amigo José Carlos de Vasconcelos.

Quero em primeiro lugar, e antes de mais, dizer que bem andou a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lis-

boa, ao lembrar-se de prestar este ano "Honras" a um Homem que se bateu a vida inteira, pela "Livre Cultura" e pela "Liberdade da Cultura" e, através desta, "servir a sua Pátria e o seu Povo", como solenemente jurou quando do seu doutoramento em 1948.

... .. Paulo Quintela, como todos sabem, nasceu em Bragança, precisamente no dia de Natal de 1905. "Não passo de um pobre homem de Bragança", disse ele um dia, tal como o grande Eça igualmente havia confessado anos antes que "era um pobre homem nascido na Póvoa de Varzim".

Paulo Quintela é o oitavo dos dez filhos que vingaram de uma "ninhada" de dezoito que o pedreiro Agostinho Paulino Pires teve de sua mulher Abília Vaz Granjo, cujas principais "prendas domésticas" foram as de dar à luz todos os anos e as de fazer pão todos os dias para dentro e fóra de casa. "Pão que o Diabo amassou", dizia seu filho Paulo. "Pão arrancado às pedras durante a vida inteira", como sempre afirmou o "patriarca" Paulino.

... .. Doutores conheço eu - e certamente todos vós - que escondem o pai e a mãe atrás da porta, quando passam a usar um "dr" à frente do nariz...

Paulo Quintela, não. Penso até que tinha um certo agressivo orgulho de ser filho de gente

humilde e pobre. Pobre, mas “muito honrada”, conforme ripostou o lavrador da Barca do Purgatório ao demo quando este, ve-lhacamente, lhe perguntou por que vinha “tão carregado” (de arado às costas): “Porque seja conhecido por lavrador muito honrado”.

Tenho para mim que o cli-max desse orgulho atingiu o seu ponto mais alto, o seu “zénite”, quando visitou, pelos anos 40, o Palácio de São Marcos - que hoje é pertença da nossa Universidade - na companhia do seu dileto e inseparável amigo Victorino Nemésio.

Sucedida que nesse tempo ainda residia em São Marcos o Senhor D. Duarte Nuno, Duque de Bragança, pai do actual “pretendente”, modo respeitoso de dizer para quem é republicano desde o 31 de Janeiro, ao trono de Portugal.

Deu-se o caso que o Senhor D. Duarte lhes apareceu, chamado por um hortelão ou guarda de caça, muito “armado” em dono de São Marcos, e com ares de quem pretendia correr com os “intrusos”, que logo se desculparam, dizendo que apenas os tinha levado ali a mera curiosidade de conhecerem a capela (onde terá rezado D. Sebastião antes de partir para a suicida aventura de Alcácer Quibir) e a cerca do palácio.

Apaziguados os ímpetos iniciais, o real inquilino de São Marcos terá dito mais ou menos o seguinte: “Já agora

apresento-me: - Duarte Nuno, Duque de Bragança”.

De imediato, Paulo Quintela respondeu a Sua Alteza, muito polida, mas desentendidamente, deste modo: “Paulo Quintela, também de Bragança”.

Outro exemplo deste repentino orgulho, que faz lembrar o de Camilo, deu-se quando o Senhor Reitor da altura o chamou à Reitoria para lhe comunicar que o Sr. Ministro da Educação da época não havia homologado a sua eleição, como sempre, para Presidente da Assembleia Geral do TEUC. Resposta imediata de Paulo Quintela: “Sua Excelência (referindo-se ao ministro) é burra”, além de outros argumentos. E, cá fora, ao contar à malta do teatro o que havia sucedido lá dentro, acrescentou: “Felizmente não me esqueci da concordância”. É que “burra” e “excelência”, como é sabido, pertencem ao mesmo sexo.

Paulo Quintela era um homem de carácter singular; daqueles de “antes quebrar que torcer”. O seu carácter não admitia a mínima quebra, folga ou bainha. Para ele, tal como para o príncipe de Shakespeare, “Ou se é, ou não se é”.

Levou o seu civismo político ao extremo de, sendo socialista militante, se ter desvinculado do partido, quando o PS, por razões porventura muito atendíveis na crise política que então se atravessava, se ter coligado com o CDS na gestão governamental.

Esta “saída” do PS deu um certo brado na imprensa da época, pois sempre se tratava de Paulo Quintela, que até tinha sido candidato pelo PS às constituintes de 1975, pelo distrito de Bragança.

Pois bem, a um jornalista que lhe telefonou perguntando por que razões havia abandonado o PS, respondeu muito secamente: “Precisamente porque sou socialista!”

... ..

Não me vou demorar - o meu tempo está a chegar ao fim - a falar de Paulo Quintela tradutor. Toda a gente sabe como ele enriqueceu a nossa literatura plasmando na língua de Camões poetas de alto coturno, até então quase desconhecidos entre nós ou só conhecidos de gente erudita ou actualizada, como sejam Rilke, Holderlin, Nelly Sachs, Trakl, e ainda, mas estes mais conhecidos, Goethe e Nietzsche.

Ao lermos esses poetas “recriados” por Paulo Quintela de forma genial na nossa língua materna, quase se fica a pensar que se trata de irmãos de sangue do Gomes Leal, de Cesário Verde, do Antero, do Pascoais, do António Nobre, ou do Pessoa.

“Pois que tenho sido eu, senão almocreve... de veniagas culturais de franças e araganças?” - disse Paulo Quintela na homenagem que lhe prestámos lá no Porto, em 1973, quando o Instituto Goethe, de

Munique, lhe atribuiu a “medalha de ouro” em reconhecimento da excelência das suas traduções do alemão para o português de diversas obras dos referidos poetas.

Se os almocreves, como é sabido, levam e trazem mercadorias de diversos géneros, então Paulo Quintela foi uma espécie de Malhadinhas na larga estrada da cultura europeia.

Outro notável capítulo do extraordinário “Livro de Horas” da vida de Paulo Quintela, foi o que dedicou à criação e à direcção artística do TEUC durante cerca de 30 anos.

Se Camões, “cantando espalhou por toda a parte... as obras valorosas” da gesta portuguesa, então Paulo Quintela e as sucessivas gerações de rapazes e raparigas do TEUC “representando” pelo País inteiro, incluindo a Madeira e os Açores e a quase totalidade dos antigos territórios ultramarinos, hoje ditos de “expressão portuguesa”, e ainda pelo Brasil e diversos países europeus, onde tiveram lugar os festivais de teatro universitário designados por Delfiadas, “espalharam” não só o teatro medieval de Gil Vicente, de Camões e de Calderon, como as tragédias gregas de Eurípedes (Medeia), Ésquilo (Prometeu Agrilboado) e de Sófocles (Antígona). E ainda, mas só em território nacional, os “modernos” Torga, Régio, Raúl Brandão e Lorca, além de Garrett e Tchekov.

“Nunca Mestre Gil foi tão honrado e glorificado, nunca a sua obra foi tão genuinamente interpretada como no tempo em que Paulo Quintela dirigiu o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra”. “Mesmo que Paulo Quintela nada mais tivesse feito, bastar-lhe-ia o estudo e o trabalho cénico que sobre a obra de Gil Vicente empreendeu, para que lhe fosse garantido um lugar ímpar dentro da literatura portuguesa”, conforme salientou o seu devotado aluno Dr. Cristóvão de Aguiar, nas “nótulas biográficas” que intitulou “Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia”, que com tanto mérito deu à estampa em 1986, cerca de um ano antes da morte do Mestre.

E se é certo que foi o grande poeta António Lopes Vieira quem chamou a atenção do País para o “esquecimento” em que tinha caído, por assim dizer, Gil Vicente na sua meritória “Campanha Vicentina”, foi Paulo Quintela e o Teatro dos Estudantes quem deu corpo a essa campanha, trazendo os seus autos, comédias e farsas para as tábuas dos palcos citadinos e para os terreiros de várias aldeias, praticamente de todo Portugal inteiro.

É ainda de salientar que desde que foi convidado para orientar artisticamente o TEUC, o que sucedeu logo à sua nascença, em 1938, fez imediatamente questão de que do seu elenco fizessem parte senhoras, como efectivamente sucedeu, o

que na altura constituíu uma verdadeira revolução nos anais e hábitos machistas da nossa velha universidade.

... ..

Foi, por conseguinte, Paulo Quintela quem deitou abaixo essa vergonhosa “barreira”, tornando possível a salutar e muito respeitável amizade e convivência cultural entre rapazes e raparigas no mesmo organismo académico. Foi, aliás, ele o primeiro professor universitário a dedicar-se a actividades extra-escolares, o que também não deixou de ser “revolucionário” naquele tempo.

Não pode assim dizer-se que ainda corria nas veias de Paulo Quintela uma só gotinha que fosse daquele sangue ultramontano e ultra-machista que proclamava aos ventos que as mulheres só deviam sair de casa três vezes: “Uma para baptizar, outra para casar e a última para enterrar”.

Já o mesmo não direi... daquele outro “assomo” no sentido de que “quando um homem de Trás-os-Montes entra em sua casa, os gatos saltam, os cães ladram e as mulheres põem-se a rezar”.

Bom, não era bem assim... Mas lá que Paulo Quintela, quando se irritava, o que era frequente, se esguedelhava todo, como uma mulher na fonte em dia de “ralhos” com as demais, que atirava com os óculos, o cachimbo e a bengala pelo chão fora, é uma verdade.

Mas, das suas súbitas

“cóleras”, nada restava passados uns breves instantes. Tinha a sensibilidade à flor da pele e as lágrimas à flor dos olhos. Por debaixo do seu granítico rosto corria um veio de água que se desfazia em lágrimas à mínima emoção. Nunca esquecerei o seu convulsivo choro quando visitámos a campa de Rilke, em Raron, no Cantão de Valais, na Suíça. Chorou, como só se chora à beira da sepultura de um irmão muito querido.

Tenbo de terminar, pois já ultrapassei e largamente o tempo que me foi concedido. Perdoai mais uma vez.

Contudo, não o quero fazer sem lembrar e relembrar que Paulo Quintela esteve sempre ao lado dos estudantes nas várias crises que a nossa academia atravessou. Na grave crise de 61 foi o único interlocutor em que a academia confiou no seu difícil diálogo com o reitor de então, o Dr. Braga da Cruz, e as autoridades que, a todo o custo, queriam ocupar as instalações da Associação Académica. Crise esta, como sabeis, que teve a sua origem na sequência do “1º Encontro Nacional dos Estudantes”, que chegou a realizar-se, e no “Dia do Estudante”, que acabou por ser proibido e até drasticamente reprimido pela “polícia de choque”. Pois bem, a Associação Académica apenas confiou as chaves da sua “Bastilha”, ao tempo no Palácio dos Grilos, ao professor Paulo Quintela.

E na maior de todas as

crises, a de 69, a crise “Tomásia”, Paulo Quintela exortou a direcção da Associação Académica, em tumultuosa Assembleia Geral, ao ar livre, a não se render, dizendo “Só vos pode demitir, quem vos elegeu”. Estas palavras lembram as de Fausto, já moribundo, que rezam assim na eloquente tradução de Paulo Quintela: “Só merece a Liberdade e a Vida / Quem diariamente tem de conquistá-las”.

Paulo Quintela recebeu muitas homenagens, medalhas e honrarias pela vida fora. Também era Sócio Honorário da Associação Académica de Coimbra (1964), “galardão este que considerava dos mais prestigiantes de quantos recebera”, conforme muitas e muitas vezes se gabava com indisfarçado orgulho.

Foi professor muito ilustre das literaturas germânica e inglesa. Foi tradutor reconhecidamente brilhante por nacionais e estrangeiros. Foi Homem de Teatro e foi, sobremaneira, um incrível e inesquecível “homem de tertúlia”, quer no bar das Letras, quer na cavaqueira, até de má-língua, do “Arcádia” e da “Brasileira”.

A arte de representar é por excelência a arte do “faz-de-conta”. Pois bem, peço-vos, mesmo a terminar, que façais de conta que Paulo Quintela nos está a ver lá do “assento etéreo” onde se encontra. Tem a seu lado o Denis-Jacinto, o Tossan e o Florêncio e, neste preciso momento, está a dizer-lhes: “Ora

vêde lá em baixo, no Estoril, tantas raparigas e tantos rapazes juntos, quer das “Letras”, quer do “Teatro”, quer da “Academia” em geral, do meu e do vosso tempo. Estão a dizer que ainda se lembram de mim. E eu daqui lhes envio um longo abraço e um grande Bem Hajam”.

“Finis Laus Deo”. O meu recado está dado.”

Ainda as suas palavras ecoavam dentro de nós e já a voz potentosa e vibrante da também eterna jovem Amélia Vieira Coroa entoava a “Súplica da Cananeia” perante um Cristo invisível, mas “divinamente” audível nas suas respostas, pela voz (ao vivo) de seu filho, José Emílio Campos Coroa.

O enlevo geral continuou, desta vez pela mão mágica do jovem (este é mesmo) Miguel Campos, nuns “Minutos Mágicos” que prolongaram a ilusão até ao apogeu académico, a lendária “Serenata de Coimbra” pelo Grupo “Porta Férrea”: guitarras de Carlos Couceiro e Teotónio Xavier; violas de Durval Moreirinhas e António Toscano; vozes de Arménio Marques dos Santos, Rodrigues Rocha, Artur Mota, João Caldas e Mário Veiga, a que se juntaram as de Almeida Santos, Luiz Goes e Augusto Camacho.

No final, a Despedida com uma Balada cantada num palco repleto e por uma assistência a quem o adiantado da hora (por razões alheias à nossa vontade...) não minorou o entusiasmo e a vontade de voltar - no Novo Milénio!

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

I - Mais uma Tertúlia

António Nobre e Noite de Coimbra

Apesar do muito calor que se fazia sentir naquela noite de 16 de Junho e de algum barulho incomodativo que, de quando em vez, nos chegava da rua, (janelas abertas por obrigação), ninguém arredou pé do Salão da nossa Sede que estava completamente cheio. “Ó gente ousada e mais que quantos”!...

Isto veio demonstrar o interesse dos Colegas e Amigos em marcar presença em mais uma Tertúlia, dedicada, desta vez, ao centenário da morte de ANTÓNIO NOBRE e a COIMBRA.

Porque não, em vez de Tertúlia, dizer-se “encontro entre todos os Colegas e Amigos”?

A abrir a parte referente a ANTÓNIO NOBRE, a Maria Luiza Costa leu uma das poesias autobiográficas daquele poeta, a partir da qual o Colega Eduíno fez uma síntese da sua biografia, dando maior relevo aos pormenores da sua vida que se reflectem mais notoriamente na sua poesia e aos que são mais expressivos tanto da sua personalidade excêntrica, como do drama que foi a sua existência de doente incurável. Em seguida, caracterizou brevemente a poesia de António Nobre, salientando a sua originalidade formal e temática e salientando-a no panorama da poesia portuguesa do fim do séc. XIX como representante *sui generis* do Decadentismo.

Depois então é que focou mais em pormenor o tempo de Coimbra de António Nobre, as suas reacções contraditórias à cidade e ao meio estudantil, o seu papel inovador na vida literária local e a publicação da revista *Bobémia Nova* que agitou o meio intelectual coimbrão e imprimiu novo rumo à poesia portuguesa.

A ilustrar vários passos da palestra, leram ou recitaram poesias a Maria Luiza Costa, a Ilda Pedroso, o Francisco de Vasconcelos e o Carlos Couceiro.



Durante a palestra do Eduíno a Luiza Costa lê poema de António Nobre

Foi um verdadeiro espaço de cultura que teve a chancela do Eduíno de Jesus, muito valorizado com as intervenções dos Colegas a que acima fizemos a devida referência.

Quando o Carlos Couceiro acabou de ler o último poema, fez a sua aparição o nosso grupo coral AD-HOC, de que faziam parte: o Anjos de Carvalho (que, além de cantar, também acompanhou à viola as vozes dos elementos do Grupo), a Manuela Graça, a Teresa Rio, a Hélia Moniz, a Maria Antónia Dionísio, a Isabel Alexandre, o Braz dos Santos, o Menezes Falcão e a Olga Reis.

O grupo AD-HOC, ao interpretar “*Cantigas para as raparigas de Coimbra*” com versos do “Só”, fê-lo de tal forma com as vozes tão afinadas que foi um prazer ouvi-lo.



O nosso coral AD-HOC

Se este grupo continuar a ensaiar, com a mesma regularidade, sob a batuta do Anjos de Carvalho - e assim já acreditamos que "anjos da casa façam milagres"-, vamos ter um coral que passará a ser um cartão de visita da nossa Associação.

A segunda parte da Tertúlia teve apenas Coimbra como ponto central, razão por que se chamou "*Noite de Coimbra*". Assim, foi preparado um texto sobre a cidade do Mondego para ser lido e comentado pelo Colega José Henrique Dias. Motivos profissionais da última hora impediram-no de estar presente. A falta, embora relevada, foi muito sentida pela qualidade que este nosso Colega imprime nas suas intervenções.

Seguiram-se vários poemas, em que Coimbra foi sempre protagonista, ditos ou lidos pelos seus autores, os poetas: Ângelo Araújo, Carlos Carranca, Carlos Couceiro, Francisco de Vasconcelos e Luiz Goes. Um autêntico recital de poesia que a todos maravilhou pela qualidade dos poemas e pela forma como foram interpretados.

A finalizar, assistiu-se a uma bela Serenata de Coimbra pelo Grupo "*Porta Férrea*". Fados como "*Coimbra, Menina e Moça*", "*Ó Coimbra do Choupal*", "*Igreja de Santa Cruz*", "*Do Choupal até à Lapa*"... e tantos outros, em que todos os poemas só falavam de Coimbra, foram interpretados pelas vozes de Ângelo de Araújo, Anjos de Carvalho, Artur Mota, João Caldas, Mário Veiga e



O grupo Porta-Férrea

Ribeiro da Silva, que tiveram a acompanhá-los as guitarras do Carlos Couceiro e do Teotónio Xavier e a viola do António Toscano.

Acabou a Serenata. Uma grande ovação quebrou o silêncio com que estava a ser ouvida. Ovação idêntica já tinha sido dispensada a todos que, com o seu valioso contributo, muito enriqueceram esta Tertúlia.

Pelo que se viu e ouviu foi uma noite que valeu a pena acontecer.

P.S. - Esqueci-me de dizer que também li uns versos que fiz, que me deram um certo gozo.

Gustavo Cerdeira

II - Recordar Miguel Torga

Muitos poetas passaram por Coimbra na juventude e ali, no alvoroço dos verdes anos, lançaram as sementes de estéticas e ideias inovadoras, que logo se propagaram aos quatro cantos do país, dando origem a novas correntes literárias, filosóficas, sociais, políticas, etc. Contudo, poucos foram os que fizeram de Coimbra sua residência para toda a vida. Entre estes, conta-se Miguel Torga, um transmontano que se manteve sempre fiel às suas raízes telúricas, mas que, tendo ido cursar Medicina em Coimbra, ali estabeleceu os seus lares, tornando-se uma das últimas grandes referências literárias daquela cidade. Nada mais natural do que ser recordado pelos Antigos Estudantes de Coimbra em Lis-

boa, que lhe prestaram homenagem numa das suas tertúlias académicas, realizada no anfiteatro da RTP, à 5 de Outubro, no passado dia 10 de Novembro de 2000.

A tertúlia foi concebida e planeada, com alguns contributos da restante Direcção da Associação, pelo colega Gustavo Cerdeira, que também se encarregou da sua encenação e para a qual escreveu uma introdução em verso, como é seu costume, com notas de graça, muito naquele estilo jocoso a que nos habituou.

Deu início à sessão a nossa Presidente Fátima Lencastre, que se encontrava no palco com o Gustavo, autor do projecto, e o António Ribeiro, que tinha a cargo conduzir o desenrolar da *acção*, ligando as *cenar*s pelo texto do guião, que lhe competia debitar.

A Fátima tomou a palavra para explicar porque aquela tertúlia, à semelhança de algumas outras anteriores (as que tinham sido dedicadas aos Colegas Carlos Couceiro e Ângelo de Araújo), se realizava ali, fora das nossas instalações, referindo como causa principal os recursos técnicos que a encenação exigia. Depois agradeceu todas as facilidades concedidas pela Radiotelevsão Portuguesa por intermédio do Dr. Alfredo Tropa, Director dos Arquivos e Documentação daquela empresa, e aos oradores que se iam seguir, o colega Carlos Carranca e o jornalista António Valdemar. Terminou aludindo à ausência da filha do homenageado, a Prof.^a Doutora Clara Rocha, e leu, a fechar, a seguinte carta da ilustre académica:

“Lisboa, 20 de Outubro de 2000

Ex.mº Senhor Gustavo Cerdeira:

Lamento ter de lhe comunicar que não poderei estar presente na homenagem a meu Pai, que a Associação dos Antigos Estudantes irá promover no próximo dia 10 de Novembro, e para a qual tão gentilmente me convidou. De facto, rea-

liza-se no Porto, nos dias 9 e 10 de Novembro, um Congresso comemorativo do centenário da morte de António Nobre, no qual fui convidada a participar com uma comunicação. O convite foi-me dirigido pelos meus colegas Professores Doutores Arnaldo Saraiva e Maria João Reynaud, antes ainda das férias de Verão, razão pela qual lhe dou prioridade.

Mas, sabendo do empenhamento e carinho que a Associação dos Antigos Estudantes está a pôr na homenagem, venho por este meio pedir-lhe que cumprimente em meu nome todos os organizadores e participantes, e lhes testemunhe o meu sincero agradecimento.

A melhor maneira de honrarmos a memória dum Poeta é ler a sua obra, e estou certa de que a leitura de poemas será um dos momentos significativos da sessão. Gostaria de comunicar a todos que, na altura em que se realizar a homenagem, estará a sair a Fotobiografia de Miguel Torga que organizei a convite das Publicações Dom Quixote, com prefácio de Manuel Alegre e depoimentos de várias personalidades. É um volume com bastante documentação, que espero possa contribuir para que os mais novos continuem a ler e a amar o autor dos Bichos.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos

Clara Crabbé Rocha”

Terminada a leitura, a Fátima abandonou o palco, enquanto o Gustavo se dirigia aos microfones para ler a sua introdução acima referida, que o auditório coroou com uma gargalhada e uma salva de palmas.

O António Ribeiro passou então a ocupar-se da apresentação da Tertúlia *cena a cena*, e fê-lo com naturalidade, a voz segura, nítida, gesto comedido, muito *profissionalmente*.

Ouviram-se então os primeiros acordes da 5ª Sin-

fonía de Beethoven, ao mesmo tempo que, num grande écran ao fundo da cena, era projectado um diapositivo com o retrato de Miguel Torga, a que se seguiram duas sequências de um filme de João Roque sobre o autor dos *Contos da Montanha*: uma do poeta na sua casa de Coimbra, outra do poeta recitando um dos seus poemas.

Finda esta parte, foi a vez de o primeiro orador da noite, o poeta e ensaísta Carlos Carranca, Vice-Presidente do Círculo Cultural Miguel Torga, que brilhantemente dissertou sobre a poesia do home-nageado, dando uma interpretação original da questão religiosa que preenche parte importante da poesia e constitui mesmo o cerne do drama existencial de Torga. Fez-se acompanhar de dois jovens discípulos da Escola Profissional do Teatro de Cascais, a Carla e o Fernando, que colaboraram na leitura das poesias que ilustravam a sua lúcida exposição.

Seguiu-se no uso da palavra o jornalista António Valdemar, membro da Academia de Ciências de Lisboa, que começou por abordar, numa linguagem literariamente cuidada mas sóbria, fluente na frase, clara e exacta no vocábulo, a problematização da ideia de Portugal no conceituário torgueano, confrontando-a com a interpretação de alguns eminentes críticos e apresentando a sua própria versão e análise do tema, de onde partiu depois para uma visão alargada da postura de Torga no seu país, no seu tempo, escalando a grande montanha com a pedra do seu ideal ao ombro, como Sísifo.

O auditório aplaudiu vivamente os dois oradores.

Após as doutas intervenções já referidas, coube ao colega Francisco Vasconcelos a leitura de uma carta do Padre Avelino Augusto Silva, amigo pessoal de Miguel Torga, que, na impossibilidade de estar presente, não deixou de dar o seu contributo escrito à Tertúlia em análise. Infelizmente, a emoção do momento, aliada ao calor da sala e a algum cansaço próprio destas situações, traíram o nosso querido Francisco Vasconcelos, que se sentiu

menos bem, o que o obrigou a interromper a participação prevista.

Felizmente, após observação e medicação adequada no Hospital, o colega Francisco Vasconcelos acabaria por recuperar sem problemas de maior¹.

Após a chamada-surpresa ao palco do colega Carlos Carranca para falar de "*Miguel Torga - O Homem*", seguir-se-ia a peça MAR, com a brilhante intervenção de Catarina Avelar e de dois ilustres discípulos, já acima identificados.

Depois das palavras vieram os sons da guitarra de Alexandre Bateiras e da viola de João Gomes, com apontamentos inéditos que marcaram de forma impressionante a nossa noite de Torga.

Ainda com o lastro criado pelas guitarradas, ouvimos, com gosto, o colega Ângelo de Araújo declamando Torga. Em seguida, teríamos um dos momentos mais altos da noite, com a interpretação de fados e baladas com letras de Miguel Torga, pela primeira vez musicadas e cantadas em público.

Assim aconteceu com as interpretações dos colegas Alcindo Costa, Augusto Camacho, Barros Ferreira e Víctor de Carvalho.

Coube ao colega Gustavo Cerdeira encerrar com chave de Ouro a nossa Tertúlia, lendo o bonito poema de Francisco para Miguel Torga.

Por último, e em forma de conclusão, convém referir a excelência da concepção, organização e produção desta Tertúlia dedicada a Miguel Torga, um dos momentos culturais mais ricos que já pudemos viver na nossa Associação, o que, sem desprimor de outros contributos de elevado valor, terá que ficar a crédito do nosso querido colega Gustavo Cerdeira.

Eduíno de Jesus
António Ribeiro

¹ O Francisco Vasconcelos agradece publicamente a preocupação manifestada por todos aqueles que quiseram saber do seu estado de saúde.

CONVERSAS QUINZENAIS

- A última "Conversa" referida no nº 15 do "Capa & Batina" foi em Maio de 2000. Depois dela, foram as seguintes que tivemos o prazer de ouvir no Salão da nossa Sede:

No dia **14 de Junho** falou-nos da "**Importância da Universidade de Coimbra na Independência do Brasil**" um dos mais interessados jovens veteranos da nossa Associação - o Sócio João Maria Alves Rodrigues.

Disse-nos da influência da Universidade de Coimbra na Independência do Brasil, através dos seus alunos. Os senhores do café mandavam estudar os seus filhos para a mais prestigiada Universidade Portuguesa, donde saíam com um espírito mais aberto, mais democrático, mais apto a perceber as potencialidades do Brasil, sua terra natal. Aflorou a propósito o papel dos "bandeirantes", a ida da família Real para o Brasil, a descoberta do ouro e o grande sinal de que algo estava a mudar que foi a conspiração denominada "*Inconfidência Mineira*".

No dia **28 de Junho** - falaram o Eduíno de Jesus e a Maria Antónia sobre "**O Teatro Infantil, Juvenil e Universitário**". Foi ilustrada a exposição com poesias e excertos de obras de Garcia Lorca e Gil Vicente, levados à cena pelo TEUC. Foram recordados os professores que nos levaram a amar o Teatro, tais como Virgínia Gersão no Liceu, e Paulo Quintela na Universidade.

Antes das férias de Verão, no dia **12 de Julho**, foi a vez do nosso Vice, Alcindo Costa, dissertar sobre "**Histórias Reais e**

Jurídicas". Falou em coisas muito sérias: Direito e Justiça. Esse direito sem o qual não haveria ordem nem equilíbrio nas Sociedades. Contou casos específicos que tratou na sua vida profissional, dos quais muitos foram verdadeiras lições para a sua vida. Aflorou a necessidade de transparência e o alerta que o magistrado deve ter, para não se envolver em acções que possam sugerir aliciamentos ou corrupção. Foi, em suma, uma "Conversa" interessante que despertou o interesse de todos os ouvintes.

Em **Outubro, no dia 11**, a Maria Olga Reis, uma "barra" em História e sempre profundamente interessada em questões culturais, veio falar-nos de "**Figuras Históricas de Coimbra - O Infante D. Pedro**".

D Pedro, essa figura ímpar da nossa História, em quem se aliam a Coragem, a Integridade, a Cultura e o Amor à Pátria. Nomeado Duque de Coimbra por seu pai D. João I, torna-se assim o primeiro duque que existiu em Portugal. De espírito culto e curioso resolveu viajar pelas Cortes e pelo mundo, procurando sempre inteirar-se de novas do comércio e de indicações úteis que pudessem servir à empresa dos descobrimentos a que seu irmão Henrique se dedicava. Destas viagens lhe veio o sobrenome "*o das sete partidas*". Após a morte de D. Duarte, é aclamado pelo povo de Lisboa como Regedor e Defensor do Reino, na menoridade de D. Afonso V.

A justeza da sua governação e espírito de justiça que o nortearam grangearam-lhe numerosos inimigos entre a nobreza. As intri-

gas agudizam-se, as conspirações sucedem-se e tudo isto conduz à triste e de má memória Batalha de Alfarrobeira, em que este grande Homem "*de altas virtudes*" morre injusta e ingloriamente.

No dia **25 de Outubro** - tivemos o prazer de escutar Alves de Matos, insigne conhecedor das nossas mentes que nos falou de "**Narcolepsia e Catalepsia**".

Alertou-nos para os distúrbios do sono. Quem poderia pensar que, por detrás daqueles "cochilos", daquela sonolência irresistível diurna, se pode esconder moléstia séria que convém tratar?

Aquele torpor excessivo e súbito durante o dia, que culmina em acessos de sono bruscos e repentinos e que podem ocorrer em qualquer lugar e sem motivo aparente, podem, efectivamente, ocultar uma doença, a *Narcolepsia*, que deve ser tratada atempadamente.

Esses sonos são geralmente curtos, mas, porque ocorrem em horas não habituais, podem ser perigosos quando surgem em plena actividade, no trabalho, ao volante, etc. A cura dessa doença é simples quando detectada a tempo.

Não é, como poderia parecer, uma doença senil, pois pode surgir e surge frequentemente em jovens de idade escolar e adultos. (É bom saber que após os 70 anos os riscos de contrair a doença diminuem!).

A seguir, referiu-se à *Catalepsia* - perda brusca do tónus muscular, que pode dar-se também durante o sono. Ocorre com maior frequência em idades jovens e afecta predominantemente a população masculina.

Já em **Novembro, no dia 15**, o nosso cineasta Helder Rodrigues, que já em Abril nos tinha deliziado com “*Memórias do Cinema nos Anos 40, em Coimbra*”, veio mais uma vez encantar-nos com o tema “*O Homem em Luta com o Seu Destino, em Stephen Zweig, Arthur Miller e Ernest Hemingway*”. Chamou-nos a atenção de como é evidente perceber-se essa luta através da leitura das obras dos autores referidos. A projecção de partes mais significativas de filmes que foram realizados baseados nos seus livros, tais como “*O Homem e o Mar*”, “*A Morte de um Caixeiro Viajante*” e “*Fernão de Magalhães*”, acompanhada com os seus pertinentes comentários, deu-nos, de imediato, vontade de os reler.

E por fim, no **dia 6 de Dezembro** encerrou-se esta série de “*Conversas Quinzenais*” realizadas durante o ano 2000 da melhor forma. Não podiam as “*Conversas*” deixar de se referir a Eça de Queiroz, no ano do centenário da sua morte.

E foi, quem o diria, o nosso Conselheiro Alcindo Costa que o quiz fazer, trazendo o tema “*Coimbra, na Obra Literária de Eça de Queiroz*”. Diga-se, em abono da verdade, que o tema, inédito, e a forma como foi tratado, ultrapassou muito uma simples “*Conversa*”. Foi antes, uma Conferência. Fazendo a leitura de muitos trechos da Obra do escritor (uma rima de livros), ia-nos chamando a atenção para o facto de que na maioria dos seus romances, mesmo que não se referisse propriamente a Coimbra, criava sempre personagens que ou tinham sido lá estudantes ou dela falavam com aquela saborosa crítica e análise, como só Eça sabia fazer.

E esta foi a 14ª Conversa.

Novas se anunciam para o 1º Trimestre de 2001.

Esperamos que as venham ouvir porque merecem, garanto-vos, a vossa melhor atenção.

São elas, sempre às 17h30:

Janeiro, no dia 24 - “*Compreender o Tempo*”, pela Dr.ª Maria Isabel Barros Ferreira;

Fevereiro, no dia 7 - “*Evocação de Castilho*”, pelo escritor Dr. Fernando Campos;

e **no dia 21** - “*Conversa de Cinema*” - será exibido um filme com comentários pelo Eng. Helder Rodrigues;

Março, no dia 7 - “*Sociocomunicação de Valores no Teatro Romântico*”, pelo Prof. Doutor J. Henrique Dias.

Março, no dia 21 - “*Inês de Castro na História e na Lenda*”, pela Dr.ª M. Olga Reis.

OS NOSSOS POETAS

POEMA A CEM À HORA COMO A VIDA

ao Querido e nobre Amigo Francisco Vasconcelos;
aos “*Passeantes*” do Passeio de Outono, que só
teve flores e perfume de orégãos;
a Todos os companheiros da Nossa Associação
com todo o carinho:

*Não cures dos passos
Já passados
Mete na taleiga
punhados de sonhos
e atira-te ao caminho agora
desafiando desertos,
ventos e marés*

- é nessa medida que tu és / eterno sem terra e sem tempo!

*não te oprimas ao momento
porque em qualquer
há sempre uma nesga de luz
para onde voar
quando se quer
de verdade*

*enamora-te sempre
dum campo de qualquer cor
dum rio azul
duma asa de pássaro
duma flor
ou dum pétala apenas
que o amor que te salva
- a própria vida -
pode bem estar
nas coisas simples
e pequenas*

*eu sei que há pássaros feridos, caídos,
atravessados no teu caminho
sei que conheces o vazio
dum ninho
gelado de inverno*

*mas nada é eterno
à nossa volta
nem o calor
nem o frio
e para reacender a vida
arrefecida*

*vê que nem todas as janelas
estão fechadas Não!...*

*- nem todos os pássaros morreram
nem todas as flores
nem todas as ervas verdes*

*oferece um riso para outro riso
um beijo para outro beijo
uma mão para outra mão*

*e adormece depois tranquilo
- como nos manda a vida -
ao pé de qualquer árvore*

*mas enquanto não chega
a noite do teu sono derradeiro
sonha*

*voa
duma qualquer fresta
apetecida*

Isabel Alexandre

Maria da Conceição Campos

Os Nossos Passeios

Cá Dentro

PASSEIO DO OUTONO - ARGANIL, COIMBRA E CONÍMBRIGA De 5 a 8 de Outubro de 2000

Sob a benção de S. Pedro, que nos presenteou com dias de bela luminosidade e um Sol acolhedor, decorreu o nosso habitual Passeio do Outono.

Como sempre antes da partida que ocorreu, como é costume, em frente à Reitoria da Cidade Universitária de Lisboa, foram dados os primeiros abraços que, embora trocados por pessoas que se encontram frequentemente, sempre aproveitam estas ocasiões para exteriorizarem os sentimentos de grande camaradagem que aprenderam na sua passagem por Coimbra.

Após a indispensável paragem técnica, a qual, desta vez, foi diferente para cada um dos dois autocarros, respectivamente em Leiria e Pombal, em virtude do grande movimento provocado pelo feriado de 5 de Outubro a tal aconselhar, atravessou-se a progressiva cidade da **Lousã**, primeiro ponto mencionado no plano da viagem.

Seguiu-se a visita ao **Santuário de N.ª Sr.ª da Piedade**, onde se puderam apreciar as piscinas naturais e também disfrutar a bonita paisagem que se depara a quem alcança a Capela.

Como o grupo goza sempre de bom apetite, é chegado o momento de satisfazer com o almoço servido no Restaurante "*Varandas de Ceira*", em plena estrada da Beira e debruçado sobre o rio Ceira.

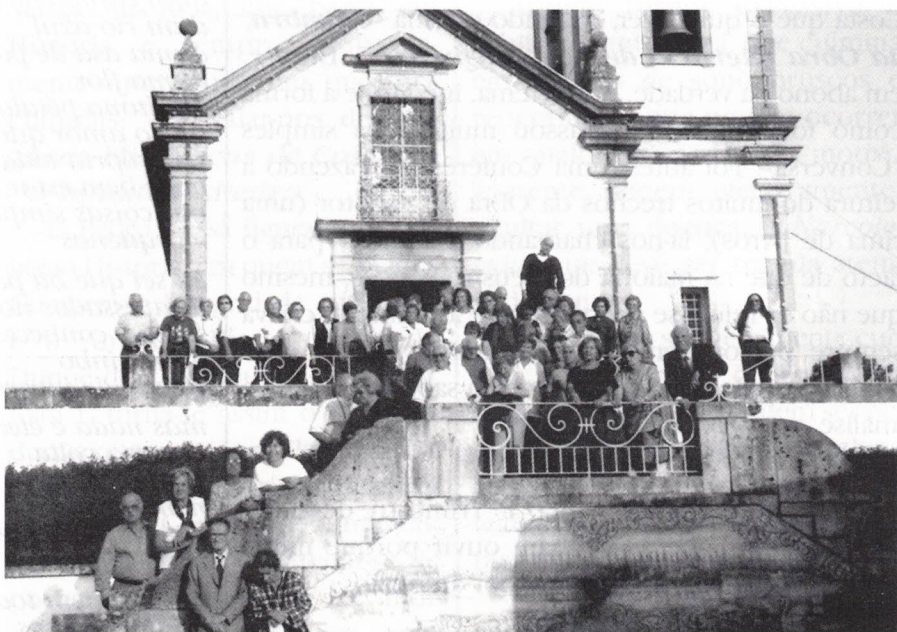
Em continuação do programa do primeiro dia do passeio, percorreu-se a dita estrada da Beira até à **Moita da Serra**, mais os 8 quilómetros a que fica a linda Vila de **Arganil**, ponto de paragem

previsto para a estadia do dia 5. Aqui se visitaram sucessivamente a **Capela de S. Pedro**, monumento nacional devido à peculiaridade de combinar os estilos romano e gótico, prosseguindo-se com a subida ao **Monte Alto**, onde pode deliciar-se a vista com um deslumbrante panorama, o qual abrange praticamente todas as Serras do maciço central do País. No Alto do Monte visitou-se a pequena Capela onde permanece a imagem da N.ª Sr.ª do Monte Alto, Padroeira de Arganil.

dente da Associação.



Lar da Misericórdia de Arganil (troca de galhardetes)



Sr.ª do Monte Alto

Já no regresso à Vila foi ainda possível admirar a imagem do Menino Jesus que se encontra na **Capela da Senhora da Ladeira**, antes de sermos recebidos na **S.ta Casa da Misericórdia** pelos respectivos Provedor e Presidente da Assembleia Geral, os quais quiseram proporcionar-nos uma calorosa recepção no respectivo Salão Nobre, com troca de saudações e oferta de medalhas entre o Provedor e a nossa Presi-

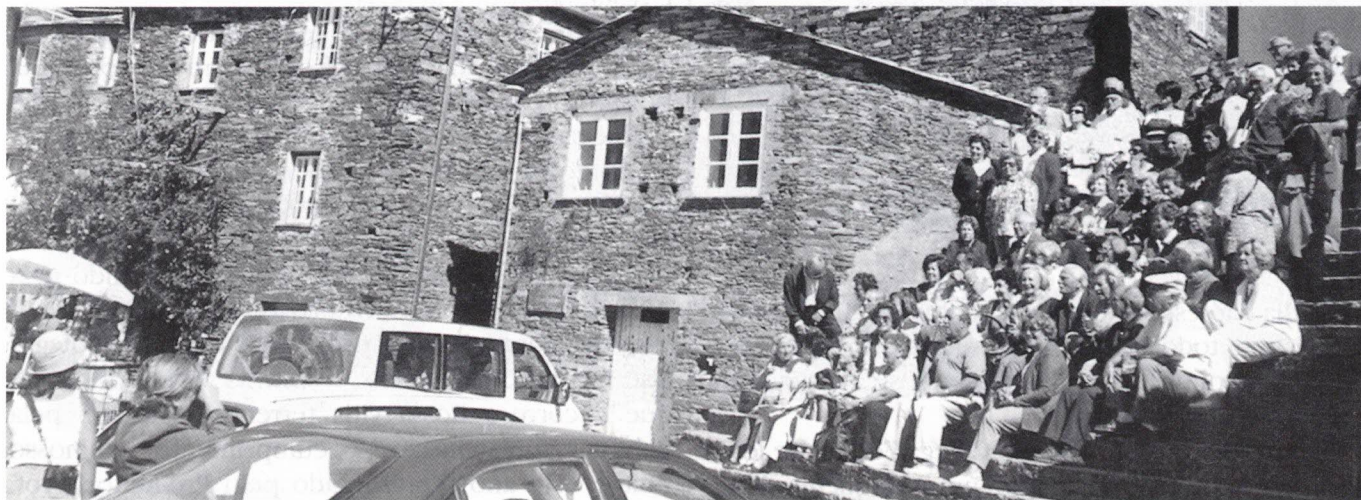
Seguiu-se uma visita ao Lar da 3ª idade, que mereceu os maiores encómios de todos nós pela excelência das instalações e qualidade do tratamento prestado aos idosos que permanecem ali internados. Esta visita foi completada com um passeio pelo exterior do Lar, com relevo para o conjunto de instalações desportivas do qual se destacam as piscinas.

Porque o dia já ia longo, foi altura de nos dirigirmos ao

Restaurante Parque, local em que decorreu o jantar servido com comida regional.

A estadia em Arganil incluiu a passagem da primeira noite que teve lugar no *Hotel de Arganil e Residencial Canário*, onde os excursionistas procuraram resta-

de casas construídas com o xisto abundante na região. O retrato um pouco excêntrico que nos oferece o Piódão é completado com o desejo dos visitantes em adquirirem as peças de madeira que constituem o artesanato local ou o mel de fabrico caseiro.



Piódão

belecer forças para o prosseguimento do Programa.

O adeus a Arganil teve, pois, lugar na manhã de 6 de Outubro com destino à **Serra do Açor** e passagem pela airosa vila de **Coja**, onde convivemos com o veterano Colega Fernando Vale.



Com o Dr. Fernando Vale

Foi então possível, neste percurso, deliciar o olhar com maravilhosas vistas panorâmicas retratando verdadeiros quadros naturais de vegetação frondosa, variedade de coloridos proporcionados pelos cambiantes que nos oferece o Outono e ruídos de queda de água, elemento da natureza tão abundante em tais locais. A paragem seguinte deu lugar a um pequeno passeio pedestre por entre alamedas de medronheiros, que nos levou à **Fraga da Pena**, pequena mas muito bela cachoeira que nos surge quase inesperadamente ao vencermos a última curva do caminho.

E a serra foi sendo percorrida paulatinamente na direcção à aldeia histórica de **Piódão**, próxima paragem da caravana. O aparecimento desta aldeia assemelha-se a um presépio que se desenvolve através da encosta de um monte e nos exhibe o seu aglomerado

Já ia longo o percurso e a vontade de comer, sempre presente neste saudável grupo de admiradores da Lusa-Atenas, pedia um percurso mais abreviado que, com passagem pela típica aldeia de **Vide**, nos transportou até à *“Ponte das Três Entradas”* onde estava previsto almoçar. Aí, foi necessária habilidade semelhante à de conseguir meter o Rossio na Rua da Betesga, dada a exiguidade do restaurante; mas a saudável boa vontade de todos, o seu grande espírito de colaboração e solidariedade conseguiram suprir as dificuldades sentidas. Esta situação evidencia o pouco desenvolvimento em que se encontra ainda o nosso interior.

Foi com o mesmo espírito de satisfação que o passeio prosseguiu, detendo-se no miradouro de **Avô** para apreciar as suas conhecidas varandas, rumando a Coimbra pela estrada da Beira e utilizando, já perto de Coimbra, as novas vias rodoviárias que são muito rápidas, mas não primam pela humanização dos percursos.

Eis-nos chegados à nossa querida cidade de **Coimbra** mesmo a tempo de embarcarmos no *“Basófiás”* que nos proporcionou um sempre apreciado passeio fluvial pelo **Rio Mondego**. Foi uma hora e um quarto de convívio, de repouso e de admiração pelas vistas que as margens da Cidade e seus arredores nos oferecem. Concluído este passeio, todos rumámos ao hotel D. Luís onde viríamos a permanecer duas noites. Aí, e depois de nos acomodarmos nos respectivos aposentos e nos deliciarmos com um banho reparador, foi-nos servido um opíparo jantar, o qual incluiu uma ementa variada e saborosa e culminou com o Bolo de Aniversário regado com o sempre apreciado espumante natural português, vulgo *“champagne”*.



Aniversariantes de Setembro/Outubro

O dia não estava, porém, concluído pois, terminado o jantar, todos se dirigiram à romântica **Lapa dos Esteios**, agora muito alindada, para se assistir a um erudito momento de lazer.

Em primeiro lugar, o nosso Colega Eduíno de Jesus aqueceu a noite fresca com uma eloquente intervenção evocativa da Festa da Primavera e da Festa de Maio que se realizaram na Lapa dos Esteios nos dias 20 de Março e 1 de Maio de 1822, respectivamente.

Referiu o Eduíno que, por iniciativa do poeta António Feliciano de Castilho, então estudante de Coimbra, reuniu uma dúzia de estudantes, igualmente dados à poesia, para irem todos de barco, em romaria, àquele aprazível lugar na margem do Mondego, para celebrar a chegada da Primavera. As duas festas consistiram em declamação de poesia em louvor da Primavera, a segunda das quais acrescida de encenação de uma cerimónia em honra de Maio, representado por uma criança de 5 anos vestida de heras e posta numa espécie de altar.

Em seguida, o Eduíno referiu-se aos seis ultra-românticos, com João de Lemos à cabeça, que ali foram também em romaria vinte e dois anos depois, no dia 24 de Junho de 1844, dia de S. João, com propósitos semelhantes aos dos "*Bardos da Primavera*", a quem homenagearam compondo todos os seis, cada um seu verso, uma sestilha em sua honra, a qual se encontra transcrita num painel de azulejos numa das paredes daquele recinto.

A propósito desta sestilha, a nossa Colega Maria Antónia declamou, com a qualidade declamatória que lhe é reconhecida, a referida sestilha que versa assim:

*"Sobre as azas da Poesia
Aqui nos trouxe a amizade
Andámos nas Lyras d'oiro
Esperanças da Mocidade
E aos Bardos da Primavera
Mandámos uma saudade."*

A noite em tal paradisíaco lugar não podia terminar sem sonharmos acordados com a audição de uma

bela Serenata que nos foi proporcionada pelo Grupo de Fados da Secção de Fados da AAC, denominado **AEMINIUM**.

Depois de tantas emoções, já merecíamos repouso no nosso Hotel e gozarmos de um sono reparador e restaurador de energias.

O dia 7 foi consagrado ao "*Dia do Antigo Estudante de Coimbra*", jornada sempre muito apreciada por nos proporcionar o reencontro de muitos amigos e colegas que a vida fez demandar para diferentes locais do País e que se deslocam nesta ocasião à velha Universidade para matar saudades em saudável convívio.

Como habitualmente, este dia é preenchido pela missa na Capela da Universidade aproveitada, além do mais, para evocação dos nossos queridos Colegas que nos precederam no "*terminus*" do período em que decorre a nossa vida terrena e também pela habitual apresentação de cumprimentos ao nosso Reitor, este ano representado pelo Pró-Reitor, Prof. Doutor Nascimento Costa .

Após o almoço volante que, como costume, decorreu na Casa da Cultura de Coimbra, seguiu-se a sessão solene, este ano preenchida pela apresentação do livro titulado de "*Zeca Afonso antes do mito*". Fez a evocação do nosso Colega Poeta o distinto advogado Dr. António Arnaut, que apresentou o livro com a sua habitual eloquência e teve lugar ainda a intervenção do Autor do livro, Eng. Santos Silva, e também da representante da Editora Minerva, Dr.^a Isabel Garcia.

A sessão concluiu-se com o desempenho de um Grupo de Fados de Estudantes de Coimbra, o qual nos ofereceu um momento sempre apreciado com a exibição de algumas canções coimbrãs, incluindo interpretações da autoria de Zeca Afonso.

Após um pequeno descanso, todos rumámos à **Figueira da Foz**, onde teve lugar o já tradicional jantar, completado pelo Sarau iniciado com a participação do nosso Colega Luiz Goes, que cantou alguns dos seus belos Fados de Coimbra. O acompanhamento foi de Alexandre Bateiras e João Gomes. Proseguiu o serão com a apresentação do espectáculo actualmente em exibição no Casino e encerrou com o desempenho da sempre gostosa "*Orquestra de Tangos*", constituída por antigos tunos da Universidade de Coimbra.

No intervalo, o nosso grupo aproveitou para satisfazer, com um pé de dança, o seu desejo de não perder o jeito nem menosprezar a sua preparação física.

O regresso a Coimbra e ao Hotel já foi feito alta madrugada, o que proporcionou a alguns uma soneca durante o percurso e a todos uma noite bem dormida.

Chegámos ao último dia que, a par de uma sensação de dever cumprido, também é acompanhado de um sentimento saudosista de quem termina um período



Registo para a posteridade

do de satisfação e são convívio.

Mas havia ainda uma importante e apreciada etapa a percorrer.

Partimos de Coimbra com o objectivo efectivado de visitarmos **Conímbriga**, esse local que nos parece fazer reviver os tempos míticos do Império Romano e das suas lutas com os Suevos, esse povo bárbaro que porfiadamente acabou por vencê-lo.

Os que já conheciam Conímbriga, mas há muito não a visitavam, surpreenderam-se com a dimensão alcançada por estas ruínas que nos proporcionam muitos conhecimentos sobre os costumes e formas de vida desses tempos anteriores à Era Cristã. A exploração das ruínas, completada com o ensinamento facultado por competentes guias, e a posterior visita ao Museu deram-nos uma perfeita ideia do significado do trabalho que está a ser realizado naquele local.

Estávamos a aproximarmo-nos do fim desta jornada outonal, mas não tinham ainda acabado as surpresas. A deslocação à **Serra de Sicó** levou-nos a presenciar

uma exótica paisagem lunar com as suas escarpas, nuas de vegetação, e apresentando gigantescas luras denominadas "*Buracas de Casmilo*", espectáculo impressionante oferecido pela natureza.

O ponto final do passeio ocorreu na deslocação ao local designado por "*Mãe de Água*", ponto em que desponta a nascente que abasteceu a histórica cidade de Conímbriga e ao "*Castelo*" de **Alcabideque**.

Estamos, pois, de regresso nostálgico à cidade de Lisboa, após curta paragem para petiscar, com o vero sentimento de que tudo foi bom mas que tudo tem um fim.

E pronto, aguardamos com o mesmo entusiasmo e ansiedade o aparecimento do próximo passeio que, para além de nos acrescentar novos conhecimentos, vai estreitando cada vez mais os laços de amizade e solidariedade que sempre foram apanágio de quem passou pela lição de Coimbra.

Braz dos Santos

Lá Fora

I - PASSEIO DE VERÃO A BERLIM / EXPO-2000 De 15 a 21 de Julho de 2000

Partimos no dia 10 de Julho rumo a Berlim, em número de 70 viajantes.

Chegados e a caminho do Hotel, almoçámos uma saborosa refeição no mais antigo restaurante da cidade - o **ZUR LETZTEN INSTANZ**.

Nos três dias seguintes, acabado o pequeno-almoço, corríamos para os autocarros que nos levaram a visitar o que de melhor Berlim tem nos

sectores ocidental e oriental. De destaque: *Igreja Memorial, Universidade Técnica, Coluna da Vitória, Europa Center* (com o relógio de água), *Museu Bauhaus, antigo Bairro Judeu e Sinagoga, Biblioteca Nacional, Catedral de Berlim, Parlamento, Museu Egípcio, KaDeWe* (os maiores armazéns), *Museu de Arquitectura, Castelo de Charlottenburg, Centro de Convenções, Palácio*

do Presidente, Checkpoint Charlie, a mais antiga estação do Metro, Largo de S. Nicolau, os Canais, o que resta do Muro de Berlim, Praça Marlene Dietrich, Porões da Gestapo, Casa dos Concertos, "Der Gendarmenmarkt" (com a Catedral Francesa e a Catedral Alemã) e a Torre de Televisão com restaurante giratório e que nos deu uma panorâmica geral e muito bonita, e o State Opera, onde se reuniu um dos dois grupos.



Berlim

Fizemos o Cruzeiro das *Mil Ilhas* no Lago do rio Havel, cujas margens nos maravilharam e que nos deu ensejo de ver de perto a célebre *Ponte dos Espiões*. Passeámos por *Potsdam* e, depois da visita ao *Palácio de Sanssouci*, percorremos os seus parques e jardins.



Palácio e Jardins de Sanssouci

Andámos a pé na "Unter den Linden" (Avenida das tílias), passámos a famosa *Porta de Branden-*

burg e subimos ao *Reichstag*, cuja torre moderna, renascida do incêndio de 1933, é uma construção metálica envidraçada, com o acesso em rampa, em que os vidros produzem efeitos curiosíssimos.

Visitámos o incrível, valiosíssimo e raro *Museu Pergamon*, deliciámo-nos com o célebre *eisbein* e assisti-

va bem organizada e havia pavilhões muito bem concebidos com os mais variados materiais. A área era extensíssima e pedia descanso, de quando em vez. Havia um ar frio e um céu cinzento sobre as nossas cabeças que, porém, não nos desarmavam.

Fomos recebidos pela Dr.^a



Hannover - Expo 2000 - Pavilhão de Portugal

mos a um espectáculo nocturno de muito boa qualidade. Numa outra noite metemo-nos, qual bando de adolescentes, no Metropolitano, sem guia, estudando e discutindo itinerários.

No 5º dia rumámos para Han-

Simonetta Luz Afonso, Comissária-Geral de Portugal para a EXPO-2000 Hannover, no **Pavilhão de Portugal**, numa visita guiada e descritiva, que sintetizou como segue:

"Dois anos após ter realizado em Lisboa uma grande exposição mundial dedicada ao tema "Os Oceanos - Um Património para o Futuro", Portugal aceitou com entusiasmo o novo desafio proposto pela Expo 2000, uma reflexão sobre as relações entre a humanidade, a natureza e a tecnologia, de cujo equilíbrio depende o futuro.

Neste contexto, é evidente a importância da arquitectura: o Pavilhão de Portugal foi desde o início imaginado como uma primeira resposta a este desafio, a primeira peça a integrar na

nover, em autocarro privado, que nos levou ao simpático Hotel, a 10 minutos da **Expo-2000**. Esta esta-

exposição. De facto, este edifício (que no termo da exposição será desmontado e trazido para o nosso país), propõe-nos um novo tipo de mediação entre as pessoas e os espaços que habitam, uma arquitectura mais humana - e à dimensão do homem - em que a inovadora utilização de materiais orgânicos, naturais, recicláveis e não poluentes assimila, ao mesmo tempo, o saber dos métodos de construção tradicionais e a criatividade contemporânea.

A visita, aliás, começa logo no pátio de acolhimento, junto dos sobreiros ali plantados para que os visitantes identifiquem a árvore de onde é extraída a cortiça, símbolo das florestas do sul e do desenvolvimento sustentado de um ecossistema. Devido à sua dimensão e ao recurso à luz natural, também a grande nave interior se assemelha a uma praça cosmopolita e convivial, dominada pelas imagens e sons de Portugal e pelos objectos que sintetizam os propósitos nacionais para o século XXI - a educação, a formação, o trabalho colaborativo, a utilização das novas tecnologias em defesa do ambiente e da melhoria das condições de vida.

No auditório decorrerão conferências e debates sobre os grandes temas da actualidade (ciência, economia, turismo, educação, ambiente), em sessões particularmente adequadas à participação dos especialistas e dos líderes de opinião, enquanto os espectáculos e eventos culturais dirigidos ao grande público foram seleccionados de molde a possibilitarem uma imagem actualizada e abrangente das diversas tendências das artes performativas.

Dois equipamentos indispensáveis - a loja Saberes e a cafetaria Sabores - complementam esta mostra do Portugal contemporâneo.

As obras de autores e artistas portugueses ficam assim ao alcance de todos - nalguns casos pela primeira vez na língua alemã - e a pouca distância de um espaço onde se oferecem os mais requintados aromas e sabores do nosso país, parte integrante desta experiência sensorial.

Este jogo entre a inteligência e as emoções, entre as razões e os afectos - tão próximo do ser português - esteve na base do conceito expositivo e dá igualmente forma ao repto dirigido a todos os nossos visitantes para que nos encontremos de novo. Portugal convida..."

No último dia fizemos o tour de **Hannover**, visitando a pé o centro histórico - e não só - da cidade.

Almoçámos, de novo, em Restaurante típico (e, enquanto isso, alguém se esgueirou para uma loja próxima e, reapareceu, exibindo três gabardines novas, bonitas e baratas) - a ré que se levante.

Para fim de festa, percorremos depois os belíssimos jardins barrocos do palácio de *Herrenhausen*.

Pelas 4h30 da tarde fomos transportados ao aeroporto para o regresso a casa. Chegámos a Lisboa frescos e bem-dispostos.

Nota - Escrevi este texto a correr, não no tempo nem no espaço, mas nos factos, com a sensação de que alguém corria atrás de mim. É que, à semelhança do que a Fátima Lencastre faz com os oradores, dando-lhes 5 minutos para falarem, deu-me a mim... 5 linhas para escrever.

Maria Amélia Figueiredo

II - CANADÁ / NOVA IORQUE

De 16 de Agosto a 3 de Setembro de 2000

Ocorreu de 16 de Agosto a 3 de Setembro, com 44 animados (e animosos) participantes, que não hesitaram em eleger esta Viagem como a melhor e mais bela das promovidas pela nossa Associação. E com sobejos motivos, como poderão os interessados comprovar, não só através de um bem realizado vídeo (de 10 horas que não se sentem), como de um "diário" que acompanhará esse vídeo, onde serão descritos todos os pormenores e comentados os momentos culminantes desta odisseia.

Aqui, registamos apenas, em letra de forma e em "visual", o deslumbrante trajecto que fizemos, atravessando o CANADÁ DE OESTE PARA LESTE, e a satis-

fação estampada no rosto do grupo (sempre difícil de juntar por completo...). Assim:

Depois de apreciarmos o espectáculo dantesco que é sobrevoar a **Gronelândia**, começámos pelo Pacífico, aterrando em **Vancouver**, capital da Província da "British Colúmbia", uma cidade em concha, rodeada pelas MONTANHAS COSTEIRAS (que empareceram com a nossa Serra da Estrela e parecem um brinquedo a anunciar as PRÉ-ROCHOSAS e as ROCHOSAS, que ao longe apenas se vislumbram) e pelo mar recheado de 3 mil ilhas, algumas das quais vimos na travessia de barco no **Estreito da Geórgia** até à **Ilha Victória**, com vontade de passar uns dias nas que

estão viradas a um turismo de repouso...

E se Vancouver já se nos apresentou cheia de parques quase intermináveis - que proporcionam um saudável contacto com a natureza - a Ilha Victória é um jardim que, por acaso, tem aglomerados de casas - umas de reservas indígenas, outras compostas em cidade de estilo vitoriano, a cidade de **Victória**, bem conformadas à natureza florida que as domina e só foi ajudada pela mão de um casal alemão nos célebres **Jardins de Butchart**, único no mundo pela sua configuração, com pequenos montes, lagos, pontes, repuxos, fontes, cascatas, grutas, e pela representação rigorosa de flores características dos países que mais as cultivam.



Na cidade de Victória, mereceu saliência o seu Museu da Civilização, com forte componente de cultura indígena (com os célebres e monumentais "totems"), o famoso Hotel Empress, com um peculiar *Museu de História Mundial* em miniaturas, e a *S. Andrew's Cathedral*, cuja decoração firma um compromisso entre a religião católica e a indígena, presente esta em exclusivo no altar-mor, simbolizando antigos rituais.

De regresso ao continente, iniciámos a escalada para o interior, circulando pela "Transcanadense" de autocarro a atravessar as "costeiras", ao longo de grandes rios e límpidos lagos, com inúmeras cascatas, pequenas cidades (**Hope, Chaise, Golden, Cidade da Rota...**) até **Kamloops**, onde assentámos arraiais por duas noites, a fim de iniciarmos a incursão pelas tão ansiadas Montanhas Rochosas.

Se já a passagem pelas Pré-Rochosas (montanha Cathedral, montanha Ogden) e seus lagos nos deixou deslumbrados, a visão das ROCHOSAS emudeceu-nos,

pela magnificência da sua configuração, pelo aterrador dos seus cumes cobertos de glaciares com 300 metros de espessura, que pareciam uma gigantesca garrafa partida (a parte ínfima que deles vimos), as cascatas de um volume incalculável. Nem o agnóstico mais renitente resiste a admitir que só um ente superior (seja quem for e onde quer que ele esteja) pode ter sido o artífice de tão sublime obra.

Entrados na **Província de Alberta**, visitámos **Banf**, outra cidade de madeira, com o seu Parque Nacional, a deslumbrante panorâmica das montanhas *Temple, Castle, Cascade, Tunnel, Rundle, etc., etc.*, que se disfruta de uma plataforma na *Mon-*

tanha Sulfurosa (accedida por teleférico a 2.200 m).



Banf - miradouro na Montanha Sulfurosa

Depois **Canmore**, com as pitorescas montanhas as **Três Irmãs**, onde transportamos para um sono reparador de tanta estupefacção o sonho vivido ao longo do dia, que se prolongou para o dia seguinte com a visita ao **Lake Louise** e ao seu **Château** vitoriano (com requintado almoço).

Um deslumbramento de harmonia entre as águas "esmeralda" do lago, a beleza das florestas e

a imponência de duas montanhas que o rodeiam e que, no vértice de união, seguram um incomensurável glaciár que o alimenta.

restaurante panorâmico rotativo da *Tower Center*, o *Museu Glenbow*, com os célebres Tesouros do Mundo dos Minerais (sendo a **ammolite** a gema



Lake Louise

Continuando por entre montanhas, lagos e glaciares, avistamos o único glaciár que concedeu ser usado pelo homem: o ATHABASCA, que da altitude de 2.700 m da sua cabeça, lançou uma “pata” em extensão suficiente para permitir que os tristes mortais, como nós, o pisem com gáudio, saltando de elefantinos *snowcoachs* que nos levaram até lá.

exclusiva da província de Alberta), a ala dedicada à cultura dos Ameríndios e o histórico *Fort Calgary*.



Glaciár Athabasca

Mas foi vergados pelo peso de uma natureza tão fascinante quanto invencível que nos despedimos das Montanhas Rochosas, com o sentimento de que não pode haver nada mais belo... e rumámos a **Calgary**, uma cidade já industrial (petróleo à vista...), centro dos Jogos Olímpicos de 1998, donde recordamos o pequeno almoço tomado no



Fort Calgary

Assim terminámos a incursão pelo Canadá Ocidental. O leste canadense aguardava-nos, com a visita às cidades “clássicas” e mais conhecidas de:

- **Toronto**, com os seus edifícios imponentes, o *Real Museu da Província de Ontário*, o bairro português, enorme e próspero, a *Torre* que oferece uma panorâmica ímpar, um curioso *Estádio* polivalente, a sua cidade subterrânea, etc., etc.

Daqui rumámos em direcção das famosas “CATARATAS DO NIAGARA”, que alguns sobrevoaram de helicóptero, passando pela paradisíaca estância de luxo **Niagara on the Lake**, almoçando no restaurante giratório que permite uma vista completa de

ambas as cataratas: a canadiana e a americana, separadas por território americano, e aventurando-nos num *tour* de barco em plenas Cataratas que mais parecia um chuveiro, como a foto desvenda:



Cataratas de Niagara

Otawa - Depois de um cruzeiro inesquecível pelo LAGO DAS MIL ILHAS (onde se salienta o *Boldt Castle*), chegámos a esta cidade, capital federal, com o seu monumental *Parlamento*, onde assistimos à noite a um espectáculo de luz e som e de manhã ao “render da guarda”, visitámos o melhor e mais bonito *Museu da Civilização*, a *Galeria das Belas Artes*, a magnífica *Igreja de Notre Dame* (toda em madeira) e muitos outros edifícios e monumentos.

tas, e o *Château Frontenac*, considerado um dos mais belos (e caros) hotéis do mundo... onde almoçámos (e porque não?).

Daqui saiu uma excursão para **Tadoussac**, pequena cidade junto ao *Rio S. Lourenço*, em cujo estuário se fez um passeio de barco para observar as baleias (10, 20, 40? - cada um contava à medida dos seus olhos... e por vezes era a mesma...).

- **Montreal** - já menos característica, mas muito desenvolvida, com o seu “*Beijódromo*” no Mont



Oratório de S. José

Royal, o *Estádio* em forma de flor e a torre olímpica inclinada, a mais bela e preciosa igreja católica americana: a *Igreja de Notre Dame*, com talha revestida a



Otawa

- **Montbello** - de passagem, para almoçarmos no seu *Château* (em madeira), que tinha içada também a bandeira portuguesa.

- **Québec** - a mais bela cidade deste lado oriental, pelo seu pendor histórico, com muralhas, as *Planícies de Abraão*, o *Museu da Civilização*, a *Igreja de Notre Dame des Victoires* (a mais antiga da América do Norte), o monumental *Fresco Québécois* (onde só faltava a representação indígena), o *Bairro dos Artis-*

ouro (a rivalizar com a célebre *Igreja de S. Francisco de Assis*, na Baía), o célebre *Biodom* (Museu Biológico), que satisfaz os mais exigentes neste domínio, e o *Oratório de S. José*.

Tivemos a sorte de poder apreciar o itinerante *Mosaico Floral*, constituído por bichos, figuras mitológicas e de literatura infantil, todos formados por plantas vivas, num regalo para os olhos e para a alma.

E... ADEUS CANADÁ!

Sempre de autocarro (sem canseiras nenhuma), eis-nos a caminho de Nova Iorque, onde demos largas à fuçanga das compras (com larguezas variáveis, claro), disfrutámos da *Broadway* assistindo a um espectáculo representando “*Os Miseráveis*”, de Victor Hugo, de uma forma e com uma concepção inegaláveis, corremos a “capital do mundo” em todas as direcções, “cheirando” os principais museus, monumentos e edifícios, disfrutando da tão falada viagem espacial no *Planetário*, passando

pelos bairros e igrejas famosas, vendo ao longe a *Estátua da Liberdade* (tão pequena...), subindo às torres panorâmicas; enfim, uma excitação que acabou no jantar de despedida num restaurante à beira-mar, onde a quase totalidade dos viandantes (de 18 dias já) se propunha recomeçar a viagem em Vancouver!!!

E isto diz tudo. (Ai das palavras, que o sentir é tão mais eloquente...)

Fátima Lencastre

Real República dos Antigos Estudantes de Coimbra / Casa de Repouso

FESTAS DOS SANTOS POPULARES

Ocorreu no dia 1 de Julho esta curiosa e bem acolhida simbiose entre a primeira apresentação pública dos contornos do magno problema que representa encontrar um “**abrigo para a 5ª idade**” - cuja solução a Direcção continua a procurar - e a



animação com que sempre festejamos os **Santos Populares**.

O local escolhido, o “*Centro de Caparide*” do

Ministério da Educação, proporcionou-nos um ambiente natural e acolhedor de uma quinta, um almoço e um lanche “caseiros”, confeccionados com os seus próprios produtos, um anfiteatro ao ar livre em que actuou o “*Rancho Infantil da Câmara Municipal de Cascais*”, que a todos enterneceu, como podem ver .

O sempre concorrido **Concurso de Quadras dos Santos Populares** - em que a Rosinda ganhou o 1º Prémio - foi seguido da leitura de outros versos alusivos aos Santos Populares.

Num bem apetrechado auditório, o nosso Sócio Murta Rebelo teceu considerações gerais sobre o tema “**A Real República dos Antigos Estudantes de Coimbra / Casa de Repouso**” de seguinte teor:

“*Caros Sócios*

Sobre o tema em apreço permitam-me que formule algumas considerações.



Envelhecer, diz-nos o dicionário, sem pormenores, é perder a sua juventude, a sua força, a sua frescura, a sua graça.

É estar retirado da Vida. É tudo o que tem data, que está ultrapassado, antigo, fora de moda. Dito de outro modo, é o que se não deve fazer.

De facto “o verdadeiro mal da velhice não é o enfraquecimento do corpo - disse MAUROIS - é a indiferença da alma”.

Ora isto não é, excepto em algumas patologias, uma fatalidade.

Existe uma arte de bem envelhecer.

Esta virtude necessária baseia-se simultaneamente no desprendimento sábio desse bem incomparável que se chama a juventude e do qual a juventude aproveita tão pouco, sobretudo nos valores do espírito.

Ao contrário do corpo, aquele resiste singularmente ao envelhecimento até uma idade extrema, se se escapa às doçuras de degenerescência cerebrais que a ciência, amanhã, talvez domine.

Envelhecer bem é por um lado recolher os benefícios de uma higiene física que, desde a adolescência, deve esforçar-se por manter o seu corpo (desporto e cultura física), evitar os excessos, banir os venenos (como as drogas, o tabaco e o álcool).

Mas isto não é suficiente.

É também necessário manter o seu espírito activo, ler bons livros, enriquecer a sua memória e cultivar um ideal, uma paixão, se possível altruísta, que chegada a idade não serão submetidos aos imperativos de uma reforma cada vez mais precoce.

“Envelhecer - disse PAUL ELUARD - é organizar a sua juventude ao longo dos anos.

Concluirei citando ainda o escritor AMIEL: “Saber envelhecer

é obra-prima da sabedoria e uma das partes mais difíceis da grande arte de viver”.

MEUS AMIGOS

A vida foi-nos dada para crescer. O nosso dever é de nos desenvolvermos o mais possível. Temos de estar contentes por estarmos vivos e activos.

Todos possuímos ainda a juventude para fazer projectos e materializar um sonho que povoa a mente de alguns Sócios.

Mas sonhemos com realismo.

Importa conhecer a opinião dos colegas sobre o projecto da Casa de Repouso.

A realização de debates torna-se necessária.

Apelo para que enviem à Digníssima Direcção sugestões escritas sobre o tema.

Penso que se justificará também enviar oportunamente aos sócios um questionário. O registo escrito fortalece mais o diálogo.

Esta Jornada de sensibilização promovida hoje pela Digníssima Direcção e, por curiosa coincidência, no Dia Mundial da Arquitectura, deverá constituir um fermento que propicie uma frutuosa troca de ideias que anime outros Encontros e faculte os dados necessários para a Direcção tomar, no momento oportuno, a decisão adequada.

Termino dizendo:

Só há uma maneira de envelhecer bem, é aceitar os anos e pensar mais nos outros.

Eu, pela minha parte, sinto que não envelheci.

Direi com alguma ironia que, apenas e somente, eu tenho conhecido várias juventudes sucessivas.

E espero bem que elas também se tenham renovado em

todos vós para que se sintam vivos na carne e no espírito e que perante a ideia da “Casa de Repouso”, cultivem o optimismo, marcado todavia pelo realismo com sentido bem determinado.”

Foi a vez de os Arquitectos (nossos convidados) Margarida Grácio e Fernando Sanchez darem uma perspectiva do “**Lar da Santa Casa da Misericórdia de Tomar - Uma Ideia, Uma Acção**”, com projecções e comentários sobre a construção e sítio, o programa (Lar de Idosos, Lar de Acamados e Centro de Dia), os acessos e organização especial, os materiais de construção, tudo virado à melhor rentabilização do binómio recursos materiais / satisfação de necessidades.

Seguiu-se um debate animado, prometendo um interesse por parte dos 70 participantes que provocaria um “dilúvio” de respostas ao questionário enviado com a Circular nº 7/2000 (em Outubro).

Só que apenas S. Pedro manda dilúvios e os nossos Sócios, inexplicavelmente, limitaram o seu empenho a umas 10 respostas...

Não obstante, a Direcção continua a ter esperança noutras manifestações de apoio que sustentem e justifiquem as diligências que se propõe prosseguir neste domínio.



No final, um suculento “lanche”, onde não faltaram os já habituais parabéns aos aniversariantes desse mês presentes.

Memórias dos Tempos de Coimbra

I - Os “BARDOS DA PRIMAVERA”

E OS “TROVADORES” NA LAPA DOS ESTEIOS *

Sabíeis que este lugar idílico onde nos encontramos e a que chamamos, como toda gente desde remotos tempos, *Lapa dos Esteios*, já foi chamado, mas por pouco tempo e por pouca gente, *Lapa dos Poetas*?

Bem entendido: o topónimo *Lapa dos Esteios* é que é o verdadeiro, isto é, o que vem nos mapas e nos desdobráveis turísticos. Pegou-se a esta aprazível mata com o costume que, noutro tempo, tinham os donos dos vinhedos e pomares destas redondezas de vir (ou de mandar virem os criados) abastecer-se aqui dos paus que utilizavam como esteios para as suas vinhas e para um ou outro ramo mais quebradiço das suas árvores de fruto. O costume perdeu-se há muito, mas o nome ficou.

Quanto ao crisma de *Lapa dos Poetas*, que teve duração efémera e emprego restrito, como já dei a entender, foi dado em 1822 a este lugar pelas donas da Quinta das Canas¹, que fica aqui mais acima, em honra de uma dúzia de repazes, todos académicos e mais ou menos poetas na altura (“poetas todos verdes”, diria um deles²), que a este lugar vieram em romaria no dia 20 de Março daquele ano para celebrar a chegada da Primavera e, de novo, logo no primeiro de Maio seguinte, para celebrar Maio. Na ocasião, esses “moços Anacreontes”³ constituíram-se numa espécie de

arcádia a que chamaram Sociedade dos Amigos da Primavera por alvitre do mais poeta do grupo e único que ficaria na História por isso: António Feliciano de Castilho.

Quem eram esses adoradores pagãos da Primavera?

Estavam todos no verdor da juventude, orçando os vinte anos, a idade em que se é (ou se era, naquele tempo) poeta. Faziam, pois, versos. Versos no mais estrito estilo neoclássico, como preceituava a Arcádia, apesar de esta academia já se ter extinguido por inanição há mais de meio século. Os seus nomes não constam nos manuais de História Literária, salvo o de António Feliciano de Castilho. Se alguns deles alcançaram notoriedade, foi noutros domínios que não a Poesia. Três eram irmãos do poeta das *Cartas de Eco e Narciso*: Adriano Ernesto de Castilho Barreto, o mais velho, com vinte e quatro anos, depois, dois anos abaixo de António Feliciano, que andava então pelos vinte e dois anos, o “sempre e em tudo irmão”, o bom Augusto Frederico de Castilho, futuro Prior de S. Mamede de Castanheira do Vouga (o “presbitério da montanha”, nas letras de Castilho), e finalmente José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, então de doze anos de idade. Este último é, decerto, o único que tem algum nome nas letras, posto que nada de comparável à

fama do irmão António Feliciano. Os restantes ficaram literariamente anónimos, não obstante alguns, como já disse, terem tido um futuro brilhante noutros domínios que não a Poesia, como é o caso de José Maria Grande. Eis os nomes dos outros: Francisco de Sena Fernandes, Francisco Cesário Rodrigues Moacho, Francisco de Assis de Sales Caldeira, Albano Subtil de Pina e José Vitorino Freire Cardoso da Fonseca. O primeiro só participou na Festa da Primavera, sendo substituído na de Maio pelo futuro diplomata e memorialista António Ribeiro Saraiva, já autor, ao tempo, de uma *Lira Erótica* (1821)⁴.

A ideia de celebrar a Primavera e o Maio partiu de António Feliciano de Castilho, que pouco antes já tinha escrito uma *Epístola à Primavera*, depois (mas ainda em 1822) publicada numa colecção de poematos sob o título de *A Primavera*, em dois volumes, onde vêm composições sobre a festa da Primavera e a de Maio a que me estou a referir.

A ideia era celebrar a chegada da Primavera. Castilho dirigiu convite a uma dúzia de académicos que sabia serem familiares das Musas, a quem expôs o seu projecto, logo aceito com alvoroço. No dia aprazado, largaram Mondego acima num barco bem mais modesto do que o “nosso” garboso Basófilas, que rudes mas

possantes *barqueiros* moviam a remos ou à sirga, conforme o caudal do rio. Chegados aqui, desembarcaram e deram início à festa, que consistia em cada um declamar poesias alusivas à Primavera, engalanando-se de heras e entretecendo com elas coroas para as cabeças uns dos outros, numa encenação improvisada com visos de ritual pagão. Este aspecto (de ritual pagão) foi mais acentuado, dias depois, na Festa de Maio, em que puseram uma criança de cinco anos vestida unicamente de heras numa espécie de trono ou altar, simbolizando o Maio, a quem prestaram culto, num jogo meio tomado a sério, com muita poesia à solta. Nesta segunda festa participaram senhoras de Coimbra e as proprietárias da Quinta das Canas, que, contagiadas pelo enlevo poético da situação, crismaram este lugar de *Lapas dos Poetas*.

Na colectânea de poemets de Castilho atrás referida dedicada à Primavera, podereis encontrar, mais pormenorizada (e mais literária, naturalmente), a descrição em prosa e verso daqueles dois memoráveis dias. O filho do poeta, Júlio de Castilho, nas suas *Memórias de Castilho*, em 7 volumes - em que narra, com devotada minúcia, a vida do pai -, também traz uma descrição das duas festas. Vale a pena lê-las. Elas retratam o espírito de uma época literária, de que merece destacar-se o culto pagão prestado por aqueles jovens poetas à Natureza, tão bom de evocar neste nosso tempo de permanente agressão ao ambiente.

Passados vinte e dois anos sobre essas festas, outros poetas aqui voltaram para repetir a romaria dos "bardos da Primavera" e ao mesmo tempo para, de certa forma, os homenagear.

Tinham, entretanto, passado muitas águas debaixo das pontes

da poesia. Os "bardos da Primavera" haviam poetado dentro do mais estrito classicismo, à maneira dos árcades, fiéis à lição dos poetas antigos de Roma. Mas, logo depois, Garrett iria para o exílio na Inglaterra e depois em França, onde se deixara contaminar pelo veneno romântico, que, por sua vez, ele veio a inocular na veia poética portuguesa. Em consequência, a nossa poesia mudou de estilo: os nossos poetas trocaram de alma, subverteram as regras clássicas, derrubaram o trono de Horácio, passaram a escutar os batimentos do próprio coração. E o Romantismo grassou como uma epidemia.

Na sua evolução, porém, des-cambou, rápido, em excessos, que marcaram duas gerações coimbrãs, muito próximas uma da outra, ditas, pelos seus excessos românticos, ultra-românticas.

A primeira dessas gerações convergiu num jornal de poesia chamado *O Trovador*, saído em 1844, sob a orientação de João de Lemos (João de Lemos de Seixas Castelo Branco, sobrinho de Camilo), o poeta da célebre *Lua de Londres*.

A segunda também teve o seu órgão poético, intitulado *O Novo Trovador*, que se publicou em 1851, e o seu poeta mais representativo: Soares de Passos, o poeta do *Noivado do Sepulcro*, que foi recitadíssimo ao piano por várias gerações de virgens pálidas e que ainda está no ouvido de alguns de nós.

Esta segunda geração ainda não tinha chegado a Coimbra quando os poetas a que aludi acima vieram aqui em romaria repetir o ritual das festas da Primavera e de Maio. Aliás, repetir o mesmo ritual não foi propriamente, pois vieram em Junho, no dia 24, dia de S. João, nos começos do Estio. Foram esses poetas João de Lemos, Couto Monteiro, José Freire de Serpa, Costa

Pereira, Rodrigues Cordeiro e Augusto Lima. Visitaram as proprietárias da Quinta das Canas, que, vinte e dois anos antes, tinham recebido Castilho e os seus amigos, e depois vieram para aqui, repousar sob estas frondosas árvores, antes de irem jantar à quinta da Varandas. Foi durante o repouso sob as árvores desta mata, onde agora nos encontramos, que, recordando Castilho e os mais "bardos da Primavera", compuseram todos os seis, cada um o seu verso, pela ordem em que os acabei de citar, a seguinte sextilha, que se encontra aqui, numa destas paredes à nossa volta, pintada num painel de azulejos, e que a nossa Maria Antónia Dionísio vai recitar:

*Sobre as asas da Poesia
Aqui nos trouxe a amizade,
Cantemos nas líras de oiro
Esperanças da mocidade;
E aos bardos da Primavera
Mandemos uma saudade.*

1 - Eram três irmãs. A mais velha, titular do vínculo, não chegou a casar. A do meio veio a ser viscondessa de Alcobaca pelo casamento e a mais nova, tendo casado com um primo, acabaram os dois proprietários e viscondes e, depois, condes da Quinta das Canas. Falecidos ambos em 1879 sem descendência, a Quinta passou às mãos de um sobrinho. Este vendeu-a logo no ano seguinte a alguém que, por sua vez, a vendeu ao Conselheiro José Dias Ferreira. O ilustre estadista, finalmente, vedou o acesso da propriedade a estranhos, deixando a população das proximidades de poder disfrutar da frescura e bons ares deste aprazível recinto.

2 - António Feliciano de Castilho, "História da Festa da Primavera", in *A Primavera*, vol. I, 3ª ed., Lisboa, Empresa da História de Portugal, s/d.

3 - Cfr. Castilho, ob. cit.

4 - Saraiva, no vol. II da sua obra *Saraiva e Castilho (Miscelâneas Prosaicas e Poéticas)*, Londres, 1877, diz que o seu "conhecimento e trato com o distinto, talentoso Escritor e Poeta" A. F. Castilho teve início com o convite que este lhe fez em pessoa para participar na festa de Maio.

* Palestra proferida na Lapa dos Esteios, na noite de 6 de Outubro de 2000, no decurso do "Passeio de Outono" da nossa Associação.

Eduíno de Jesus

II - DA PRIMEIRA FOLHA DA SEBENTA(...)

Pelos idos de cinquenta e quatro do (valha-nos a mãe Natureza!) século passado, a nossa gloriosa TUNA passava por grande renovação. Na Direcção contavam-se os irmãos Serra e Silva, o Júlio e o Políbio, o Mário Pinto, o Batalha, o Justino Moura Guedes, e julgo que não me passou ninguém. O Maestro, Eng. Alves Ferreira, alargara o repertório das peças clássicas, onde brilhavam os violinos e violas-de-arco do Plácido, do Victor Barros, do Fausto Pureza, dos manos Horta, do Hugo Taborda, do Alcides, do professor Walter Whitcomb (se não se escreve assim para lá caminha), terror das gentes de Germânicas, ao violoncelo do nosso colega de Farmácia que tratávamos por senhor Câmara, um açoriano que voltara aos bancos da universidade quando os anos já dobravam então a nossa idade.

A riqueza do naipe desses instrumentos, a que se juntava o virtuosismo do piano do dr. Francisco Faria, ao tempo maestro do famoso Coral das Letras, levou à criação de uma Orquestra de Câmara que preenchia com notável êxito uma das partes do nosso espectáculo.

Entre as personagens inesquecíveis, havia o Jaime-do-pífaro, como jocosamente lhe chamávamos, solista de flauta transversal, o Pitarma, que comigo partilhava a apresentação das Variedades, o Zé e o Horácio, os Leitões, os meus queridos Levi Batista e Louzã Henriques, que desunhavam na viola compassos ao ritmo da cronotropia cardíaca, mais o João Conde Veiga, agora desataviado cronista coimbrão, e muitos outros, que aqui não alinhio para não esgotar o espaço.

A Orquestra de Tangos luzia setins brancos que refulgiam das tonalidades quentes dos focos tapados por celofanes vermelhos e azuis, do "tango sin nombre", assim baptizado porque ninguém lhe sabia o nome, ao "Kiss of Fire" e a inevitável "La Comparsita" a semicerrar os olhos liquefeitos das donzelas da plateia, a palpitem pelo baile que rematava as nossas passagens por terras d'aquém e d'além mar.

A Orquestra Ligeira embalava temas em voga, dos sambas ao fado canção, na voz aveludada do Justino Moura Guedes e no piano alado do Pedro Feytor Pinto. Seguia-se, entre outros números, a tragédia Inês de Castro, a que dava corpo avantajado e rosto maganão o bigode do Pureza.

A fechar, a inevitável Serenata. Lá me esforçava eu na apresentação sobre acordes do Ré Menor do Paredes, dedilhado pelo Júlio Ribeiro e pelo Toscano na guitarra, outras vezes pelo Amado Gomes, nas violas o Políbio e o Dário Cruz. Também por lá estavam o Portugal, o Jorge Godinho, o Levi e o Durval, mas havia aquelas eternas coisas dos grupos, palermices insanáveis que se perpetuam. Entravam no naipe do

fundo, atrás dos bandolins e bandolas, a dedilhar violas.

Estas guitarras, senhoras e senhores, vêm falar-vos de amor e de saudade, de um luar que deixa sombras sobre coisas impossíveis..., espreguei eu os miolos em busca de imagens que edificassem no palco a Coimbra mítica, que eu queria reificar em todas as memórias, vividas ou sonhadas. Depois lá vinham os fados, repartidos com o Zeca ou o Machado Soares, e quantas vezes com o Lucas, a que chamávamos o monofónico, porque só cantava um e sempre o mesmo.

Acabado o espectáculo, esperava-nos o baile e a ceia. Com o Lousã, o Levi e o Conde Veiga, empareceira na LPDN - Liga de Protecção às Desfavorecidas da Natureza, associação que não era tão filantrópica quanto pode parecer, cuja actuação se baseava no levantamento exaustivo das meninas que iam ficando sentadas, sob o olhar compadecido de mães ou tias, porque a malta ia volteando com as caras larcas e demais laroquices que enfeitavam o debroar dos salões. **A menina dança?** Entre o ajeitar dos passos e os olhares em busca do tempo perdido, a universal quebra do silêncio: - **Então gostou do espectáculo?**

Era parca a imaginação, mas os tempos eram difíceis e imperava começar por qualquer lado. Centímetro a centímetro, respiração a respiração, estretavam-se os corpos quando vinha a **música para constituir família** ... e a noite adormecia quantas vezes entre juras do tal amor que diz a cantiga não durar mais que uma hora.

Para cada viagem uma maleta com umas camisas e demais miudezas, que a capa e a batina escondiam todas as possíveis misérias.

Certa vez, creio que em Mirandela, eu e o Lousã ficámos para trás a descobrir já não sei o quê. De maletas nas mãos, entrámos no salão da Câmara, já o baile organizara os pares e se adiantavam as seduções.

Desgrenhados, mal alinhavados no porte e nas figuras, fomos assustar a donzélia de duas silhuetas alambicadas, a contabilizarem em banho-de-assento seus gostos selectivos.

- **A menina dança?**, avançámos em dueto assustado, entre o adejar das capas e o malajeitado agarrar das maletas.

- **Não Senhor!**, foi o coro de insuportável tampa, que nossas figuras avalizavam.

- **Então faziam o favor guardavam-nos as malas**, replicou um de nós.

E aos pés deixámos, num adorno de pastorinhos de presépio, quanto de haveres possuíamos.

José Henrique Dias

A Voz da Filantrópica

1 Dr. Gonçalves Isabelinha - Um Homem

Sáimos cedo a caminho de Santarém - uma embaixada da Filantrópica: Braz dos Santos e Esposa, Maria Luísa Brioso e eu. O objectivo era conhecer pessoalmente o Dr. Isabelinha para melhor podermos preparar-lhe a homenagem.

O encontro estava marcado para o consultório. Tínhamos a direcção e sabíamos vagamente que ficava junto do Seminário. Contudo, ficámos à entrada da cidade a sabermos o melhor caminho. Logo um motociclista: - O Dr. Isabelinha? Sigam-me, que eu levo-os lá.

Uma vez chegados, deparámo-nos com a dificuldade de estacionamento, mas ao saber ao que íamos o arrumador, abrindo um largo sorriso, arranjou-nos lugar dizendo: - Eu também lá vou quando preciso. Não me leva nada.

Subimos uma escada centenária de belos azulejos, degraus de pedra puída e alcantilados que um homem à beira dos noventa sobe todos os dias mais que uma vez. É obra!

Chegados, de imediato ficámos seduzidos pela cordialidade do nosso anfitrião, enternecido ao colher em nós um reflexo da sua, da nossa Coimbra. Mostrou-nos fotografias, recortes de jornais e, como se faziam horas, tomámos a pé o caminho do restaurante. Durante o curto trajecto pudemos contactar o respeito afectuoso com que os transeuntes cumprimentavam o nosso amigo.

- É uma instituição! - ia murmurando o Braz dos Santos. Quando nos instalámos para almoçar, a mesma referência quer dos funcionários quer de frequentadores. Perto da nossa mesa veio sentar-se um casal. Os olhos da Senhora não se despegavam do Dr. Isabelinha. De repente levantou-se e dirigiu-se-lhe nestes termos: - Ó Sr. Dr., conheço-o há cinquenta anos. Muito obrigado! - e em acto contínuo deu-lhe um beijo na testa. Nem ela disse o que agradecia nem nós o precisávamos de saber. Estava tudo dito!

Durante o almoço, em conversa, muitos factos foram surgindo, alguns enternecedores e significativos. Isabelinha recordava: - Naquele Campo da Arregaça, o União sofreu uma cabazada: 7 a 0. No plantel dos estudantes avultada pela sua estatura e

aprumo um jogador negro de seu nome Filipe. Os do "Ónião", despeitados gritavam-lhe: - Vai-te embora, ó preto! Vai para a tua terra!

O nosso Isabelinha colheu a tristeza do peito do colega e no outro dia dirigiu-se ao Café de Santa Cruz, então reduto de futricas. Cabisbaixo, sentou-se a uma mesa e cruzou as mãos sobre a testa em atitude sofredora.

- O sr. Dr. está mal disposto? Precisa de alguma coisa?

Respondeu que sim, estava muito amargurado por terem investido o seu colega Filipe daquele modo. Já lhe bastava estar em terra estranha e longe dos seus. Não! Aquilo não se fazia.

Então os unionistas pediram-lhe que trouxesse com ele o Dr. Filipe, do que resultou o início de uma camaradagem dentro do possível amigável entre tão irreduzíveis inimigos.

Mais poderia contar. Nunca mais me calaria.

Estava ali naquela figura miudinha muito mais que o jogador da Académica ágil e de pontapé certo, mais do que o famoso oftalmologista que desbancou os seus colegas de Barcelona. Estava um grande Homem, o filantropo que sem alarde vai espalhando o Bem à sua volta. Deus lhe pagará e nós nos orgulhamos dele como Antigo Estudante de Coimbra.

No dia 3 de Junho teve lugar a homenagem. Depois de um almoço na Valenciana, a festa foi na Sede. A nossa Presidente, Fátima Lencastre, abriu a Sessão com um improviso cheio de graça em que propôs a construção de uma 5ª idade a atribuir ao homenageado. Vários oradores se seguiram, distinguindo as diversas facetas do Dr. Isabelinha. O Ângelo Araújo destacou a do médico, João Castilho, Presidente da Casa da Académica em Lisboa, a de jogador da Académica; o General Quintela, a de filantropo.

Seguiram-se as ofertas.

A Presidente ofereceu a medalha dos Antigos Estudantes e uma gravata "para usar na festa dos seus cem anos". O Ângelo Araújo dedicou-lhe um exemplar do seu "*Amor... Amor e mais Nada*"; o General Quintela uma fotografia do plantel que ganhou a 1ª Taça de Portugal; o Lima Lobo ofereceu-lhe uma garrafa de um vinho do Porto muito

especial e recitou um belo poema de Miguel Torga. Seguidamente o Grupo “*Porta Férrea*” (Couceiro, Toscano, Arménio Marques dos Santos, Rodrigues Rocha e Mota a que se associaram Anjos de Carvalho e Ângelo Araújo) brindou a assistência com uma magnífica Serenata rematada com “*Coimbra tem mais encanto*” também cantada emocionadamente pelo Dr. Isabelinha, de capa negra pelas costas.



O Homenageado e a Presidente

Depois de um “Coimbra de Honra” e de uma sessão de fotografias, o homem do dia, acompanhado pelo seu dedicado amigo Dr. Alfaiate, iniciou o regresso a Santarém. Levava os olhos húmidos, mas sorria feliz. Até sempre, Dr. Isabelinha!



O general Quintela no uso da palavra

Maria Olga A. dos Reis

2 Almoço / Convívio

No dia 18 de Novembro realizou-se na Sede da A.F.A.P., pelas 15 horas, um **almoço-convívio da Filantrópica**. Havia muita gente e muito boa disposição. Logo de início a Maria Antónia leu uma

mensagem da nossa Presidente saudando os participantes e explicando os motivos da sua ausência e a Maria Olga, em nome da Filantrópica, deu as boas-vindas e transmitiu o pesar do nosso Director, General Quintela, por não poder estar presente bem como o desejo de um Feliz Natal para todos.

O almoço estava óptimo e a conversação amena. No final exibiu-se o **Grupo Coral AD-HOC**.



O Coral em pleno

Tivemos o gosto de ouvir como solistas o nosso Subdirector **Ângelo Araújo**, e os nossos Colegas **Alcindo** e **Artur Mota**. Encerrou-se, como sempre, com a Balada da Despedida.

É sempre muito bom este *dar e receber contínuo* que caracteriza os nossos encontros.

O adeus teve o sabor de alegria: **Até à Bastilha! Até à Bastilha!**

A Filantrópica agradece penhoradamente aos elementos do Ad-Hoc: Alcindo, Anjos de Carvalho, Artur Mota, Hélia, José Moura, Manuela Graça, Menano, Menezes Falcão, Sílvia Rosas e Teresa Rio que, não sendo “filantrópicos”, fizeram filantropia e tanta vida e calor vieram dar à nossa festa.

Bem Hajam Todos!
Até sempre!

Maria Olga Reis

3 Cofre da Filantrópica

O Verão é tempo de hibernação para as actividades da **Filantrópica**, pelo que os proveitos também não evoluem tanto como o ambicionamos.

Porém, a boa vontade e generosidade dos nossos Contribuintes permitiram, mesmo assim, que o sal-

do progredisse desde Maio passado, data do último número do "Capa & Batina".

Assim, assinala-se, com referência a 15 de Novembro, a existência de um valor de disponibilidades de Esc.: 673.071\$80, constituídas por 507.871\$00 em aplicação financeira, 159.200\$80 em depósito à ordem e 6.000\$00 em numerário.

Como se referiu no anterior "Capa & Batina", para este valor muito contribuiu a generosa dádiva de 100.000\$00 efectuada por dois anónimos. Bem-Hajam por permitirem o fortalecimento das possibilidades da Filantrópica de, eventualmente, socorrer algum caso de necessidade que surja ...

São estes gestos que nos entusiasмам a continuar a conceder o nosso esforço e trabalho a esta actividade que nos aquece os corações.

Temos fé de que no futuro iremos ter mais gestos de boa vontade dos nossos Colegas que permitirão acorrer a casos que justifiquem a nossa atenção.

Caros Colegas, despedimo-nos até ao próximo "Cofre da Filantrópica".

Braz dos Santos

In Memoriam...

DEIXARAM-NOS...

... ultimamente, os nossos Colegas:

...em 2000, os

† Dr. Adélio Pereira André, Sócio 887 - em Julho;

† Dr. Amílcar Quirino Borges, Sócio 690
- a 13 de Setembro;

† Gen. Ivo Ferreira, Sócio 201 - a 8 de Outubro;

† Dr. Manuel Neto Portugal, Sócio 183
- a 3 de Dezembro;

† Cor. José Fernandes de Carvalho, Sócio 822
- a 9 de Dezembro;

...em 2001, o

† Eng. José Humberto Isaac Barata, Sócio 118
- a 2 de Janeiro.

Paz às suas almas.

Fizeram Anos

A FÁTIMA E O JOÃO

OS ANOS DO JOÃO MARIA em verso

1 *Nos teus anos, João,
que grande traição
te fez a Toninha!*

*A Toninha,
que é muito esperta,
fazendo-se sonsinha
conseguiu levar-te à certa.*

*E tu, João,
tal como o "Ratão"
caíste no caldeirão.*

*Com cem notas de conto
e dois cartões de crédito
foste a casa da filha
p'ra convidares a família
p'ró jantar de aniversário.
Um jantar
de bradar ao céu,
daqueles
de se tirar o chapéu.*

*Com cem contos
e dois cartões de crédito,
sendo tu, João,
homem de grandes ideias,
não deixarias teus créditos
por mãos alheias.*

*Quando entraste no salão
da casa de tua filha,
que surpresa a tua
por te veres rodeado
de tantos, tantos amigos...
E assim ficou
o segredo desvendado.*

2 *Abraços e mais abraços
num ambiente de festa,
de alegria
e de muita simpatia.*

*Um serviço
de "comes e bebes"
a que se deu nota vinte
p'la qualidade
e p'lo requinte.*

*Ó João, oxalá
que Festa
igual a esta
e em casa da tua filha,
contigo lá
e aqueles que te são queridos,
continue a fazer-se
anos e anos seguidos.*

*E vê bem
quanto irás poupar
com o jantar...
Sendo assim
nem dos cem contos,
nem dos dois cartões de crédito
e nem de divisas
tu precisas...*

*Agora para fechar:
A andar como tu andas,
a sentir como te sentes
é difícil ver-se alguém.
Por tal razão,
não nos admira nada
que, com essa pedalada,
cortes a meta dos cem.*

3 *Se calhar,
e ao Senhor der na veneta,
para além
dos cem,
ainda te vai dar
uns anitos de gorgeta.*

4 *É o que a "malta" te deseja;
por isso, Lhe pedimos:
- Que assim seja.*

2000-07-11

OS ANOS DA FÁTIMA em prosa

A Fátima, a nossa Presidente, fez anos. Muitos faltam ainda, mesmo muitos, para chegar ao Século. Mas "jantar do século" foi o jantar que ela ofereceu a familiares e amigos. Ao todo, à volta de sessenta. A toilette que levava transformou-a numa princesa de sonho e, como o jantar foi servido no Mónaco, houve quem chamasse à Fátima a Princesa do Mónaco.

Que jantar! Que requinte! Tudo estudado com o maior rigor! A distribuição das mesas, a escolha

do menu, o fantástico Show, tendo, como vedetas, o bolo de aniversário e as garrafas de champanhe! Um espectáculo para a história dos aniversários. Até parecia um "milagre da Fátima".

Discursos não houve. Houve, sim, fados de Coimbra cantados pelo nosso Presidente da Assembleia da República, Dr. Almeida Santos, pelo Vice-Presidente da Direcção, Dr. Alcindo Costa e pelo nosso Sócio da Associação, Dr. Manuel Ferreira e, ainda, fados de Lisboa cantados pela surpresa da noite, a Mina Vasconcelos. A acompanhar tão belas vozes, o Francisco de Vasconcelos, na guitarra, e o Alcindo Costa, na viola.

Por tudo que ali se viveu foi uma noite para não esquecer.

Para a Fátima aqui deixamos mais um abraço pela noite maravilhosa que a todos proporcionou.

Gustavo Cerdeira



em verso

*"A visão interior tudo transforma e dá a
cada coisa o complemento de beleza
que lhe falta para que seja verdadeira-
mente digna de agradar"*

(de C. Baudelaire)

*Sem ter algo interessante para dizer,
Porque há coisas que sentidas
Nunca bem soam quando ditas,
Mas p'la visão interior serão embelezadas
Expulsas em gratidão e no âmago eternizadas.*

*Ainda que paradoxal, a vida,
a banhe em perfumes de alegria;
Mas que tarde venha o dia
em que p'la face corra a lágrima
dos que bem lhe querem, Dr.^a Fátima!*

De A ANTON "Cattuly"¹

¹ Para quem não saiba, é o pseudónimo do nosso funcionário Alexandre Salgado Dias.

Noticiário

I - JANTARES MENSAIS

Apenas se realizaram 2 - o de Julho e o de Dezembro - quer por impossibilidade da nossa "Valenciana", quer por coincidência com outros eventos. Mas continuaram a merecer a adesão de grande número de participantes, com a satisfação do convívio e a "espontaneidade" da animação quando não pode haver a sempre desejada "Serenata de Coimbra". Os Colegas Ângelo Araújo, Alcindo Costa, Anjos de Car-



Aniversariantes de Julho



Aniversariantes de Novembro e Dezembro

valho e outros voluntários "à força" animam os seus "fans" com as suas belas violas e guitarras, até lhes doerem as unhas!

II - JANTAR / CONFERÊNCIA

Versando o tema "A Dimensão Social do Jubileu do Ano 2000" (sintetizado no Editorial), o Padre Victor Feytor Pinto encantou os 80 ouvintes

pela abertura ao mundo moderno, adaptação às suas exigências, sem descurar a preservação dos valores morais (universais e intemporais) com que expôs a gênese e o desenvolvimento ao longo dos séculos do que a Igreja chamou de "Jubileu".

O debate tornou-se tão animado que o adiantado da hora (para além do habitual) obrigou a cortar o "pio" aos interpelantes.

A nossa gratidão expressou-se na entrega ao insigne Conferencista da importância (50.000\$00) que rendeu a "rifa" de um **Presépio índio**, que trouxemos do Canadá, destinando-a às conhecidas obras de benemerência habitacional que promove na freguesia do Campo Grande.

III - INTERVENÇÕES NA RDP - ANTENA 1

A largou-se para o âmbito nacional a oportunidade que a *Rádiodifusão Portuguesa - Antena 1* nos tem concedido, passando do Programa "Tardes de Telefonia" (às 15h00) para o "Via Latina" (às 20h00), emitido de Coimbra, já com 2 intervenções:

1ª - a dar a conhecer a figura e obra de "**Miguel Torga**" e a divulgar a **Tertúlia Académica** em sua homenagem, com a participação de Carlos Carranca, Gustavo Cerdeira e Fátima Lencastre (não tendo sido possível emitir a gravação do testemunho do Padre Avelino, por razões técnicas).

2º - a divulgar a "**Tomada da Bastilha**" e a homenagem a Paulo Quintela, com as participações de Polybio Serra e Silva, Presidente da Associação dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra, de Humberto Martins, Presidente da A.A.C., de Natália Matos, Presidente da AAEC no Vale do Sousa, e da nossa Presidente, Fátima Lencastre.

IV - ROMAGEM DE SAUDADE A ANTÓNIO BROJO E ANTÓNIO PORTUGAL

Promovida e organizada pelo Grupo de Fados e Guitarradas "Guitarras de Coimbra", com o apoio do Governo Civil de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra e Rectoria da Universidade e com a colaboração da Associação Académica de Coimbra, RDP Centro e Restaurante Boémio-Trovador, teve lugar a 4 de Julho passado a **Romagem de Saudade a António Brojo e António Portugal**.

O evento consistiu em romagem às campas dos

homenageados, o descerramento de uma lápide no Penedo da Saudade, pelas Dr.^a Deolinda Brojo e Dr.^a Teresa Portugal, sendo entoado por aquele Grupo de Fados uma Balada, cuja letra figura naquela lápide. Seguiu-se uma missa por alma dos homenageados na Capela da Universidade e, pelas 23h00, uma Serenata Monumental na Praça 8 de Maio, junto à Igreja de Santa Cruz, em que intervieram o Grupo Promotor da homenagem, com os seus cantores e os instrumentistas do Grupo do Prof. Brojo e Dr. Portugal (Grupo de Guitarras e Cantores de Coimbra), Dr. Aurélio dos Reis, Prof. Luís Filipe, Dr. Humberto Martins, com os seguintes cantores: Dr. Heitor, Prof. Dr. José Mesquita, Dr. Costa Santos (Tito), Dr. Sutil Roque, Dr. Fernando Rolim e Dr. Augusto Camacho.

Terminou, assim, com grande brilho, esta justíssima homenagem a dois dos maiores intérpretes da Música de Coimbra de todos os tempos, feliz e oportuna iniciativa do Grupo "Guitarras de Coimbra".

"Tito" Costa Santos

V - VISITA GUIADA À EXPOSIÇÃO SOBRE "O DESCOBRIMENTO DO BRASIL"

Prometida pelo Professor Doutor Romero Magalhães (na Conferência que nos proferiu no VIII Aniversário da nossa Associação), ocorreu no dia 17 de Junho, no **Palácio da Ajuda**, tendo contado com a participação e manifesto interesse de 30 Colegas, apesar de ser numa tarde de sábado com futebol...

VI - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- **O Magnífico Reitor da nossa Universidade** convidou-nos a assistir à "Abertura Solene das Aulas", em 18 de Outubro, tendo estado presentes os nossos Presidente da Direcção, Fátima Lencastre, e Vice-Presidente da Assembleia-Geral, Chichorro Rodrigues.

- **A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Alto Mondego** celebrou o seu 1º Aniversário no dia 24 de Junho, em Gouveia, tendo a nossa Associação sido representada pelos seus Vice-Presidente, Alcindo Costa, e Tesoureiro, António Ribeiro.

- **A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Vale do Sousa** fez-nos participar na homenagem que promoveu, em 16 de Dezembro, a dois dos seus Sócios Honorários: o Prof. Doutor Bar-

bosa de Melo e o Dr. Narciso da Cunha Rodrigues, com a presença do nosso Magnífico Reitor, e teve lugar em Felgueiras (sua Sede), constando de:

- Um espectáculo no auditório da Biblioteca Nacional, onde, após as palavras de boas-vindas ditas pela Presidente da Direcção, Natália Matos, se assistiu à exibição de grupos artístico-musicais da terra, de uma acordeonista, actual estudante da U.C., e do Rancho Folclórico "*Pegadinhas do Ribeiral*", integrado, à última hora, por elementos da Associação, com a singeleza que só a espontaneidade dá, como se vê nesta foto:

- Um jantar de confraternização com gastronomia regional, onde o Presidente da Assembleia-Geral, Magalhães Coelho, proferiu o discurso de homenagem e ofereceu lembranças regionais aos homenageados.



Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Vale do Sousa

- **A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto** festejou o seu 7º Aniversário no dia 17 de Novembro, com uma Exposição e Sarau dedicados a António Nobre, seguidos de uma succulenta e animada ceia, tendo a nossa Associação sido representada pelas suas Presidente e Vogal Maria Antónia Dionísio.

- **A Associação Académica de Coimbra** continua estreitando os laços que vêm unindo os jovens e menos jovens estudantes de Coimbra, requerendo a nossa presença, quer na recepção oficial da cerimónia do seu 113º Aniversário, quer na "Festa das Latas e Imposição de Insígnias 2000", quer ainda na sua X FESTUNA, ocorridas em Novembro.

- **A Sociedade de Língua Portuguesa** convidou-nos a fazer parte da mesa de honra da apresentação do livro "*Zeca Afonso Antes do Mito*", da autoria de António dos Santos e Silva, no dia 12 de Outubro, cuja apresentação esteve a cargo do Colega Carlos Carranca, com testemunhos de Carlos Couceiro e Luiz Goes, sendo encerrada a sessão com uma "Serenata de Coimbra" pelo Grupo "**Porta Férrea**".

Se não sabias, Ficas a saber que ...

- Continuaram a enriquecer a nossa Biblioteca com livros e outra documentação os seguintes Sócios:
 - João Maria Alves Rodrigues, Carlos Carranca, Maria da Conceição Campos, Graciete Cartaxo, Francisco Raposo, José Afonso Brardo, Camilo de Araújo Correia, António dos Santos, João de Deus Quintela, A. Moura Coutinho, Fernanda Ricardo, Abélia Marques, Maria Amélia Figueiredo e Margarida Gomes.
- Apelamos à generosidade de todos, para que ofereçam à nossa Biblioteca livros sobre Coimbra, livros de finalistas, fotografias da Queima, plaquetes, programas, etc. Garantimos que aqui ficarão guardados "*in aeternum*".
- Publicaram novas obras literárias os Colegas:
 - "*Quase Retratos*" - por António de Almeida Santos
 - "*Torga, o Bicho Religioso*" - por Carlos Carranca
 - "*A Ternura se fez luz*" - por José Afonso Brardo
 - "*Coimbra outra vez*" - por Camilo Araújo Correia
 - "*Da minha geração... Crónicas da vida académica coimbrã*" - por António Correia (ainda em Macau).

Estão alguns à tua disposição na nossa Biblioteca.

1 - Os **donativos** para a SEDE atingiram, até aqui (em Dezembro), o montante de 7.250 contos. Quando vem o 3º "reforço"?

Não esquecer que os donativos para a SEDE são passíveis de dedução no respectivo IRS, dado que a nossa Associação é uma Instituição de Utilidade Pública. Vamos emitindo as competentes Declarações para este ano...

2 - Ainda temos Sócios com **quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 1999 e 2000 prefazem 595 contos...)

Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas! E as despesas de funcionamento da nossa Associação tendem a acompanhar a inflação!

NOTA DE REDACÇÃO:

Este *Capa & Batina* é especial, porque com ele pretendemos abranger todo o ano de 2000 (final de século e de milénio)

Daí o seu tamanho (e se soubesses o *quantum* sofreu de "liofilização"...)

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
 ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA
 INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
 RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1º • 1000-046 LISBOA
 TELEF 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08
 PERIODICIDADE: SEMESTRAL • TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES
 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO